

*Memorial
de Araxá*

Volume 1



BC
920
F977m



A partir do Alto de Santa Rita, vista panorâmica da cidade, Década de 30.
AF/FCCB - 00808 (Doação: Alonso José de Aguiar).

Ficha catalográfica na fonte

Fundação Cultural Calmon Barreto

Memorial de Araxá, V.1 Araxá, 2008.
118 p. ilust 21 cm

1. Araxá - biografias
2. Araxá - história

CDD - 920

CDU - 92

Índice para catálogo sistemático (CDD)

1. Araxá: biografias 920

1. Araxaenses: biografias 920

Bibliotecária responsável:

Ana Maria Fonseca Zago - CRB/6 1181

“Pouco ou nada importaria a passagem do homem sobre a terra não fosse o rastro que ele vai deixando como a grande marca de sua caminhada, a cultura”.

Ronaldo Alencar Porfírio Borges



■ Equipe Técnica

MEMORIAL DE ARAXÁ

■ Publicação

**Chefe do Setor de Arquivos,
Pesquisas e Publicações**
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

**Supervisora do Setor de Arquivos,
Pesquisas e Publicações**
Keyla Barbosa Machado

Planejamento gráfico e editoração
DaVinci Comunicação Integrada
www.davincipropaganda.com.br

Impressão
3 Pinti Editora e Gráfica

Revisão de texto
Antônia Verçosa

Fotografias
João Lima

■ Espaço

**Chefe do Setor de Arquivos,
Pesquisas e Publicações**
Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

**Supervisoras do Setor de Arquivos,
Pesquisas e Publicações**
Keyla Barbosa Machado
Cecília Angélica Machado de Paiva

Chefe do Setor de Eventos
Terezinha de Oliveira Lemos

Chefe do Setor de Artesanato
Fernanda Alves Barcelos

Chefe do Setor Administrativo-Financeiro
José Antônio de Ávila Oliveira

Supervisor Setor Administrativo-Financeiro
Danúbio Júnior da Silva

Auxiliar de Montagem
Augusto César Resende Goulart

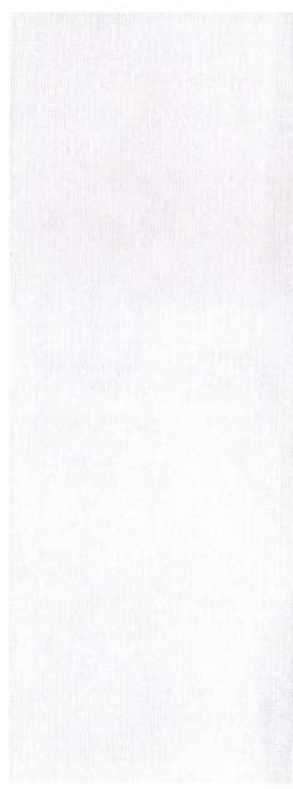


Memorial de Araxá

Prefeito Municipal de Araxá
Antônio Leonardo Lemos Oliveira

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto
Magaly Cunha Porfírio

Projeto original, pesquisa e texto
Magaly Cunha Porfírio



Prefácio

Prefaciando um livro de biografias é uma grande responsabilidade. Antes de nos preocuparmos com o conteúdo literário e o visual da obra, toca-nos a subjetiva análise das pessoas nele destacadas. São elas que fizeram o passado desta terra.

Em homenagem a elas é que buscamos forjar, com a força do bronze, o nosso momento atual, sustentado nos exemplos, na sabedoria e nos ensinamentos de quem preferiu fazer a história ao invés de apenas contemplá-la. Os personagens aqui homenageados ousaram e realizaram.

Amaram o povo e, como prova desse amor, deram um toque especial nos períodos aqui vividos. Escreveram páginas na trajetória política, econô-

mica, social, cultural, educacional e assistencial de uma Araxá que, sem eles, perderia muito do seu encantamento e do seu desenvolvimento.

Que o **Memorial de Araxá** chegue às mãos da juventude araxaense e se transforme em roteiro de ação para todos aqueles que vêem Araxá com os mesmos olhos com que esses cidadãos fixaram o amplo horizonte de suas vidas. Ele fala direto ao coração.

Um abraço de quem cultua, admira e ama esta terra.

Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito Municipal

Araxá, 29 de agosto de 2008.



Apresentação ■

A Fundação Cultural Calmon Barreto reuniu o acervo do “Lugar de Memória” que se encontrava, provisoriamente, no Museu Histórico de Araxá — Dona Beja, aguardando espaço apropriado para instalação do **Memorial de Araxá**. Desaparece o “Lugar de Memória”, mas o que se realizou sob este nome, continua. O novo espaço tem agora a sua casa própria e uma disposição mais adequada e abrangente para a realização de novas etapas e, conseqüentemente, de novas homenagens.

O objetivo foi, e sempre será, o de levar para

os dias futuros, um pouco daqueles que nos antecederam nestas ruas, praças e tudo o mais que se refere a essa linda cidade. Eles foram e são, cada um a seu tempo, importantes na construção da história de Araxá.

Este é o livro que registra a terceira etapa de construção do **Memorial de Araxá**.

Magaly Cunha Porfírio

Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, 29 de agosto de 2008.

A CASA

Esta casa, que abriga o MEMORIAL DE ARAXÁ, tem uma história singular.

Construída na primeira metade do séc. XIX por Antônio José da Silva Botelho e sua esposa Theodora Jacintha de Castro, nela nasceram todos os filhos deles e o mais velho, Joaquim Antônio da Silva (1844-1909), casado com Maria das Dores Ferreira de Ávila (1852-1924), herdou-a após a morte dos pais.

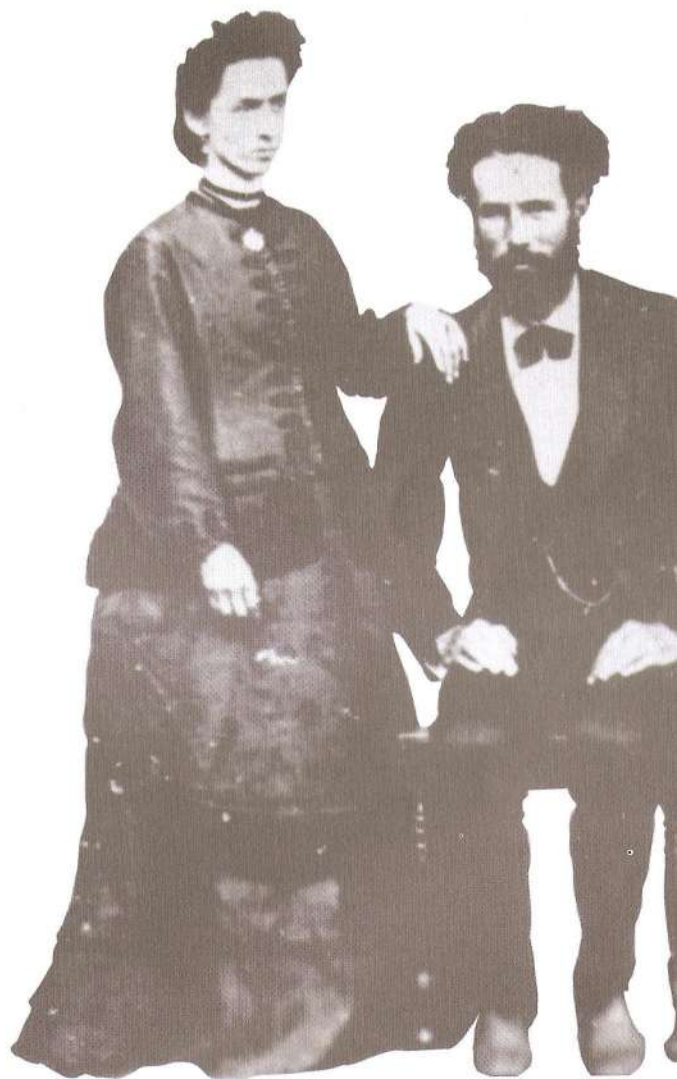
Em 1910, a propriedade passou para Elias Porfírio de Azevedo (1882-1965), marido da filha única de Joaquim Antônio, Maria Dolores de Azevedo (1884-1952). Os filhos desse casal, Padre Alaor, Mário, Aracele, Cecília, Lamartine, Joaquim Evandinack, Genaro, Apulchro, Gusmão, Jarbas e Renato (faleceu antes de completar 2 anos) nasceram aqui.



Após a morte de Maria Dolores, a propriedade coube, por herança, a Joaquim Evandinack e alguns irmãos. Com o falecimento de Joaquim Evandinack e dos irmãos co-proprietários da casa, as partes dos herdeiros foram adquiridas por Vitor Hugo Porfírio Borges, filho de Cecília, neto de Maria Dolores, bisneto de Joaquim Antônio e trineto de Antônio José da Silva Botelho.

Em 2002, a casa foi totalmente restaurada pelo atual proprietário, Vitor Hugo Porfírio Borges, engenheiro civil e construtor, que planejou e dirigiu todos os serviços.

Ronaldo Alencar Porfírio Borges
Araxá, 29 de agosto de 2008.



Joaquim Antônio da Silva e
Maria das Dores Ferreira de Ávila.
Final do séc. XIX.



**Elias Porfírio
de Azevedo**
(1882 – 1965)

Maria Dolores Azevedo (1884 – 1952)

Filha de Joaquim Antônio da Silva e de Maria das Dores Ferreira de Ávila. Católica, foi exemplar como esposa e mãe. Casada com Elias Porfírio de Azevedo com quem teve onze filhos: Padre Alaor, Mário, Aracele, Cecília, Lamartine, Joaquim Evandinack, Genaro, Apulchro, Gusmão, Jarbas e Renato (faleceu antes de completar 2 anos). Criou-os num ambiente cordial, de fraternidade e respeito, o que gerou sólida e inabalável união entre eles. Era suave, discreta e de convívio muito agradável.

Maria Dolores nasceu, viveu e faleceu nesta casa, aonde deu à luz os onze filhos.

Filho de Elias Pereira de Ávila e Ana Porfírio da Rocha. Adotou o sobrenome Azevedo por decisão pessoal.

Perdeu o pai quando tinha três anos de idade. Ainda menino foi estudar no Seminário Nossa Senhora de Assunção, Mariana/MG, de onde só regressou aos 17 anos.

No seminário cultivou o prazer da leitura e desenvolveu o talento musical.

Foi empresário. Possuiu cinemas e teatro, produziu e dirigiu peças teatrais. Cantor sacro, músico e maestro. Fundou a Banda de Música Santa Cecília.

Em 1908 e em 1920 esteve no Rio de Janeiro para ouvir o tenor Enrico Caruso no Teatro Municipal. Em 1950, já com quase 70 anos, viajou a São Paulo para as comemorações dos 200 anos da morte de Johann Sebastian Bach, no Mosteiro de São Bento, que inaugurava o seu novo órgão.

Casou-se com Maria Dolores Azevedo em 1901.

Orquestra Irmãos Porfírio

A formação da Orquestra Irmãos Porfírio ocorreu naturalmente durante os estudos e ensaios que os irmãos faziam com frequência. Desde o início a coordenação e direção ficaram a cargo de Mário, o mais velho. Os pais, Elias Porfírio de Azevedo e Maria Dolores Azevedo, apreciaram a iniciativa.

A orquestra, que nada cobrava por suas apresentações, participou e influenciou a vida artística e social de Araxá por mais de vinte anos.

Eram muito apreciadas as tocatas realizadas na primeira sala, à direita de quem entra na casa. Durante as

apresentações, as janelas ficavam abertas, as luzes acesas e o público permanecia na rua para assistir e, ao final, aplaudia. Essa sala, hoje, abriga a memória da orquestra.

Foram integrantes da Orquestra Irmãos Porfírio:

- Apulchro - piano
- Genaro - violino
- Gusmão - acordeom
- Joaquim Evandinack (Vande) - flauta e violoncelo
- Mário - saxofone e clarineta

Em 1952, com a morte de Maria Dolores, a orquestra cessou suas atividades.

Padre Alaor Porfírio de Azevedo

(1902 – 1952)



Filho de Elias Porfírio de Azevedo e de Maria Dolores Azevedo. Ordenou-se padre em 1927 e celebrou a primeira missa na Igreja Matriz de São Domingos de Araxá, ainda em construção. Vigário em várias cidades do Alto Paranaíba e do Triângulo Mineiro. Foi professor de línguas (Português, Francês e Latim), além de pregador e orador sacro de renome. De 1928 a 1931 foi diretor e redator do jornal “Correio Católico”, editado em Uberaba.

Ao falecer, em março de 1952, era vigário da Igreja Matriz de Patos de Minas.

Mário Porfírio de Azevedo

(1903 – 1970)



Formado em Odontologia (1929) pela Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba, exerceu a profissão em Araxá por mais de trinta anos. Sempre se atualizando na profissão, fazia freqüentes estágios em Belo Horizonte e Uberlândia. Trouxe para Araxá um dos primeiros aparelhos de R.X. odontológico. Com o mesmo carinho e desvelo atendia ricos e pobres. Gostava de livros, de música, de arte cinematográfica e de se manter informado sobre os acontecimentos nacionais. Como músico, integrou a Banda Santa Cecília, executando bombardino, requinta e clarineta. Posteriormente dirigiu a Orquestra Irmãos Porfírio na qual era saxofonista e clarinetista.

Casou-se com Doralice Afonso de Azevedo em 1927. Três filhas: Dulce Consuelo, Maria Ângela e Marisa.



Aracele Porfírio de Azevedo (1905 – 1958)

Estudou música e aprendeu a tocar flauta transversa. Fazia conjunto com os irmãos, mas cedo abandonou a música.

Irmã e filha amorosa, não se casou. Dedicada aos pais e irmãos, esqueceu-se de si. Não viu o tempo passar. E passou, levando com ele, o seus sonhos. Faleceu aos 53 anos.



Cecília Porfírio de Azevedo (1906 – 1988)

Casou-se cedo e teve dezessete filhos, dezesseis dos quais chegaram à vida adulta. Estudou música e flauta desde a infância e, quando jovem, iniciou-se em piano. Gostava de música e tinha por hábito exercitar-se com os irmãos. Abandonou o piano para preparar-se para o casamento e lamentava não ter feito as duas coisas simultaneamente.

Em dezembro de 1925 casou-se com José Pereira Borges. Depois de casada, mudou-se para a fazenda onde iniciou uma vida inteiramente diferente daquela que tivera até então. Adaptou-se rápido e sempre se referiu à fazenda como “terra adorada”.

Dezessete filhos: Paulo Emílio, José Rubens, Cecília Beatriz, Paulo César, Aluzio Renato, Margarida Maria, Danilo André, Ronaldo Alencar, Maria José, Ana Maria, Marcos Roberto, Maria Elena, Maria Alice, Ricardo Wagner, Vitor Hugo, Leda Maria e Maria Virgínia.

Lamartine Porfírio de Azevedo (1908 – 1979)

Depois de concluir o curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira, foi estudar no Colégio Anchieta em Friburgo/RJ, como os demais irmãos.

Construiu sua vida trabalhando de sol a sol na chácara que adquiriu ainda moço. Plantava cereais e produzia leite. Com muito sacrifício proporcionou estudo para todos os filhos, todos formados e educados dentro dos melhores padrões disponíveis na época.

Apreciador de música, não perdia as apresentações da Orquestra Irmãos Porfírio. Integrou a Banda de Música Santa Cecília, como trombonista.

Casou-se com Jacintha Carneiro de Azevedo. Sete filhos: Rasma, Romália, Regina, Rochele, Rolanda, Lamartine e Régia.



Joaquim Evandinack Porfírio de Azevedo (1909 – 1972)

Farmacêutico, professor e empresário. Era poliglota (Inglês e Francês) e muito culto. Professor de Inglês do Colégio Dom Bosco por muitos anos, sócio da empresa Irmãos Porfírio que manteve salas de cinema em Araxá e Patos de Minas, foi fundador, proprietário e diretor do Jornal Correio de Araxá de 1957 a 1969.

Exímio instrumentista compôs algumas músicas e integrou a Orquestra Irmãos Porfírio (flauta e violoncelo).

Afável e de convivência agradável, faleceu em 1972.



Memorial de Araxá



Genaro Porfírio de Azevedo

(1911 – 1990)

Autodidata, conhecia em profundidade a língua portuguesa. Manteve correspondência com vários membros da Academia Brasileira de Letras. Suas cartas, em linguagem fluente, eram bem estruturadas e de leitura muito agradável, fascinante, até.

Comerciante e empresário, foi sócio da firma Irmãos Porfírio, que atuou no ramo de cinemas por muitos anos em Araxá e Patos de Minas.

Casou-se com Maria de Lourdes Corrêa de Azevedo. Seis filhos: Aloysio, Júlio Dário, Noêmia, Maria da Glória, Tadeu e Paulo.

Violinista da Orquestra Irmãos Porfírio.

Apulchro Porfírio de Azevedo

(1914 – 2001)



Formado em Odontologia pela Faculdade de Farmácia e Odontologia de Uberaba, exerceu a profissão por mais de trinta anos. Fundador e vice-presidente da Cooperativa Agropecuária de Araxá (CAPAL) e um dos pioneiros na criação de gado da raça holandesa em Araxá. Criou e dirigiu, por cerca de quarenta anos, o coro da Igreja do bairro Lavapés, hoje, São Geraldo.

Compôs diversas músicas, entre elas as valsas Lílca e Sonho que Vive, que foram editadas e muito apreciadas. Casou-se com Cornélia Vilela de Azevedo. Tiveram quatro filhos: Maurício, Maria Marta, Elizabeth e

Márcio. Pianista da Orquestra Irmãos Porfírio.

Gusmão Porfírio de Azevedo (1915 – 1988)



Eletrotécnico diplomado, exerceu a profissão em oficina anexa à sua residência. Possuía inúmeros amigos, embora fosse de temperamento reservado. Com a sanfona na mão, era um ótimo conversador.

Exímio instrumentista, recebeu vários convites para se mudar para Ribeirão Preto e, lá, seguir carreira. A resposta era sempre a mesma: “Só se Ribeirão vier para Araxá”.

Acordeonista da Orquestra Irmãos Porfírio.

Jarbas Porfírio de Azevedo (1920 – 1976)

Advogado formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), foi juiz de direito no Paraná e advogou em São Paulo.

Poliglota e possuidor de vasta cultura, apreciava a vida cultural de São Paulo, sendo freqüentador assíduo de teatros e cinemas. Apegado à família, vinha com freqüência a Araxá rever os irmãos e parentes. Não integrou a Orquestra Irmãos Porfírio, embora tenha se iniciado em piano.

Casou-se com Giselda Vieira de Azevedo em 1957. Dois filhos: Lívia e Marcos.



■ Índice

| | |
|--|-----------|
| Adélia Léllis | 23 |
| Uma mantilha, uma echarpe, uma petisqueira em porcelana. | |
| Adolpho José de Aguiar (Adolphinho) | 25 |
| Uma máquina fotográfica, crânio do cachorro Sarampo e um livro. | |
| Agar de Affonseca e Silva | 27 |
| Uma faca, um terço, um prato com homenagem, uma revista e um documento. | |
| Agenor Lemos | 29 |
| Dois bonés e um cachecol. | |
| Alonso José de Aguiar (Alonsinho) | 31 |
| Uma máquina fotográfica com capa, um boné, um suspensório e um porta-peso. | |
| Antenor Lemos | 33 |
| Um chapéu, documento de identidade. | |
| Arthur Rosa | 35 |
| Um tabuleiro de xadrez com as peças, um diploma emoldurado, um diploma de honra ao mérito e uma carteira da Escola Superior de Guerra. | |
| Baroni & Cia. – Dino Baroni/Adalberto Maneira/Manoel Lopes da Silva | 37 |
| Um porta-documento com a logomarca da empresa Baroni & Cia., dois posters e uma máquina de calcular. | |

Índice ■

| | |
|--|-----------|
| Carlos Rosa (Carlito) | 39 |
| Uma carteira de piloto de aeronave de recreio e um casquete em couro. | |
| Cassiano Lemos Filho (Cassianinho) | 41 |
| Dez troféus, uma máquina fotográfica, uma lupa, documentos, uma taca, uma placa de prata e identificadores de gado. | |
| Dalcy Santos Cunha | 43 |
| Um aparelho de chá em prata, uma bandeja, um “troussard” e uma cigarreira. | |
| Domingos Santos (Domingão) | 45 |
| Um livro biográfico, quatro placas de prata, uma reportagem do Correio de Araxá emoldurada. | |
| Dorvalino Pereira | 47 |
| Uma cadeira de balanço e um canivete. | |
| Edgard Martins Maneira | 49 |
| Um diário de classe, um relógio de pulso, um par de óculos, uma caneta, uma carteira, um álbum de discos, dois livros, um livro biográfico e documentos. | |
| Edmar Cunha (Dr.) | 51 |
| Uma raquete de tênis, um documento, uma caneta, um porta-peso, um garfo e uma faca. | |
| Elisa Maria Alves da Costa | 53 |
| Uma imagem de Santa Terezinha. | |

■ Índice

| | |
|---|----|
| Guilherme Gotelip Neto | 55 |
| Diplomas emoldurados e um telégrafo. | |
| Henrique Ribeiro de Brito (Pe.) | 57 |
| Uma casula, uma estola, um relógio de mesa e uma máquina fotográfica. | |
| Hugo de Rezende Levy (Dr.) | 59 |
| Uma farda. | |
| Índios Araxás | 61 |
| Um tacape. | |
| Jandira Santos Oliveira | 63 |
| Uma mantilha e um terço. | |
| Joana Pereira Teixeira (D. Joanhina) | 65 |
| Uma gamela, talheres e um prato pintado. | |
| João Pereira de Rezende | 67 |
| Uma clarineta. | |
| José Ananias de Aguiar (Zizinho) | 69 |
| Duas cadeiras de estilo. | |
| José Baptista Sobrinho | 71 |
| Uma tesoura de alfaiate. | |

Índice ■

- José Batista Ribeiro** 73
Um rádio, uma lousa, uma tala, uma chaleira de ferro, um ferro à brasa, um porta-lamparina, três guampos, três garruchas, três adagas, um ferro de chapa, duas lamparinas, um porta-grude, uma candeia, um caldeirão com alça, uma binga com lima e pedra, uma máquina de costura a manivela, uma lanterna ferroviária, um moedor de café e um tinteiro.
- José Detoni** 75
Um relógio de bolso.
- José Maria Lemos** 77
Uma almofada, três graus, um capsulador com capas, um vidro de coramina e três misturadores.
- José Ribeiro de Almeida (José Horácio)** 79
Um podão.
- José Tibúrcio Ribeiro** 81
Um facão e um relógio de pulso.
- Leonilda Lemos de Mello** 83
Um óleo sobre tela e doze pratos.
- Lourival de Paula (Parateca)** 85
Uma guilhotina para fotografias.
- Lúcia Soares Ferreira (Tia Lúcia)** 87
Um pote em cerâmica.

■ Índice

- Maria Abadia Machado (Dona Didi)** 89
Uma caneta, uma cadeira, uma colcha de crochê, um livro de Caixa e documentos.
- Maria de Lourdes Corrêa de Azevedo (Dona Pepita)** 91
Um certificado de alta costura, um vestido, uma tesoura, um conjunto de toucador com seis peças e um colar de marfim.
- Maria Dora Drummond de Paula Lemos** 93
Uma jarra, uma echarpe, um broche com foto, uma xícara com pires, uma bolsa de metal, um troféu, três placas de prata, três medalhas, uma caneta e um porta-jóias.
- Maria Josephina Salomão Feres (Fifina)** 95
Um anel de formatura, um terço, fotos e dois pingentes com as iniciais M e J e um álbum com fotografias.
- Mozart Gonçalves Caixeta** 97
Um chapéu, um documento de identidade e um par de óculos.
- Olavo Drummond (Dr.)** 99
Uma toga, cinco livros de sua autoria, placas e medalhas.
- Olyntha de Castro Barreto** 101
Um “Diccionario Prático Illustrado” de 1928 e de autoria de Jayme Seguiet.
- Pedro de Paula Lemos (Dr.)** 103
Três troféus, um canivete, uma carteira da OAB, uma varinha de apartar gado e diploma de Direito.

Índice ■

| | |
|---|------------|
| Pedro Rios Borges (Dr.) | 105 |
| Uma caneta, fotos e documentos. | |
| Salviana Aparecida Borges | 107 |
| Um par de óculos, uma agulha de crochê, uma colher de pau, quatro peças de artesanato. | |
| Sebastião Miguel de Faria | 109 |
| Uma panela de ferro, um par de óculos, uma carteira de trabalho e um hinário evangélico. | |
| Sylvia de Almeida Barsante | 111 |
| Quatro livros de sua autoria. | |
| Tibúrcio Afonso Teixeira (Dr.) | 113 |
| Um quadro, um álbum com fotografias, diploma de Medicina, uma caixa contendo oito aparelhos usados em Medicina. | |
| Wanda Carneiro Santos | 115 |
| Dois bules Limoges, um relógio de bolso com suporte, seis óleos sobre tela e três toalhas de mão bordadas em linho. | |



Adélia Léllis ■

Natural de Araxá, Dona Adélia tinha como características a coragem, a força e a generosidade.

Dinâmica, ajudou no orçamento doméstico através das quitandas (bolos, pães de queijo, broas, etc) que fazia com perfeição.

Lutadora, nada deixava faltar em casa. Tanto se preocupava com a educação dos filhos, como

era atenta na ajuda aos menos favorecidos. Seu generoso coração não deixava de atender a esses necessitados.

Dona Adélia era muito querida. Prova disso são os cento e cinquenta afilhados que conquistou ao longo de sua vida. Deixou aos que lhe sobreviveram a lembrança de uma pessoa digna e honrada.

Nasceu em Araxá no dia 28 de agosto de 1913.

Filha de Theodoro Vieira Borges e Antônia Cândida de Oliveira.

Casou-se em primeiras núpcias com Manoel Luiz Côrtes em 10 de dezembro de 1927.

Em segundas, com Dr. Januário Léllis no dia 13 de novembro de 1948.

Seis filhos: José, Atanagildo, Maria Auxiliadora, Janot (falecido), Lucy e Janot.

Faleceu no dia 29 de outubro de 1979.



Adolpho José de Aguiar (Adolphinho) ■

Adolphinho, como todos o conheciam, foi uma pessoa de personalidade extrovertida, sociável, presente em todos os eventos que aconteciam na cidade. Veio de uma das mais tradicionais famílias de Araxá.

Vítima da paralisia infantil, tinha uma pequena deficiência em uma das pernas. Isso não o impediu de viver a vida intensamente. Jogava futebol, dançava, montava a cavalo e, onde havia festa, lá estava ele à procura das moças bonitas.

Gostava de fotografar e era exímio nessa arte. Montou o estúdio “Super Foto” na antiga rua Boa Vista, hoje, rua Presidente Olegário Maciel.

Alegria contagiante, inteligente e bonito, Adolphinho possuía enorme força interior. Sabia lidar com as dificuldades e repassar aos filhos a idéia de que deste mundo nada se leva. O que importa é o viver e fazer amigos.

No dizer de seu filho, Mizael Adolfo, “Seus olhos verdes eram encantadores e serviam de transmissores de sua bondade. Adorava as amizades e era parceiro da simplicidade”.

Mais tarde, chegou em sua vida um cão para fazer a alegria de seus filhos e de todos os que o conheceram. Um cão fantástico de nome Sarampo. O cão somava, dividia, multiplicava e encan-

tava a platéia. Era intrigante a afinidade entre ambos: Adolphinho e Sarampo. Latindo alto, dava respostas exatas; em menor volume, indicava as frações. Conhecia as cores e agia obedecendo a ordens ditadas pelo pensamento do dono. Até mesmo por telefone.

Quando Adolphinho, diante de uma platéia perguntava a Sarampo quantas mulheres feias ali estavam, ele não latia. Permanecia mudo. Mas indagado se havia mulheres bonitas, imediatamente latia o número de todas as mulheres que ali estavam, bonitas ou feias. Por esses e muitos outros fatos, o crânio de Sarampo encontra-se ao lado daquele que foi o seu dono.

Nasceu em Ibiá no dia 23 de novembro de 1918.

**Filho de José Adolpho de Aguiar
e Silvéria Ferreira de Aguiar.**

**Casou-se com Maria Antônia Guimarães de Castro
em 13 de setembro de 1947.**

**Nove filhos: Maria Rita, José Adolpho Neto,
Antônio Adolpho, Tereza da Conceição, Ananias Adolpho,
Maria do Carmo, Ana Antônia, Juvenília Silvéria
e Mizael Adolfo.**

Faleceu no dia 31 de agosto de 1970.



■ Agar de Affonseca e Silva

Nasceu em Araxá onde teve uma infância feliz ao lado de seus pais e irmãos.

Em 1933 recebeu, em Belo Horizonte, o diploma de normalista de 2º grau. E, já em 1934 iniciou seu trabalho como professora substituta no Grupo Escolar Delfim Moreira. Foi a realização de um sonho conquistado com lutas e dificuldades e que deu início a uma trajetória de sucessos e vitórias em sua carreira.

Em 1950 foi empossada diretora no Grupo Escolar “Delfim Moreira”, cargo que exerceu com serenidade, competência e brilhantismo durante 34 anos.

Como diretora daquela escola, Dona Agar viveu seus dias mais felizes e cheios de esperança. Contava, costumava dizer, com a proteção de Maria, a mãe de Deus, e com o sorriso das crianças.

**Nasceu em Araxá no dia 6 de maio de 1913.
Filha de Sebastião de Affonseca e Silva e Prosolina
Porfírio de Affonseca e Silva.
Não se casou e não teve filhos.
Faleceu no dia 5 de outubro de 2003.**

Para falar sobre Dona Agar, passamos a palavra para algumas pessoas dentre aquelas que a conheceram e que com ela conviveram:

“A história da educação araxaense e da Escola Estadual Delfim Moreira se confundem com a trajetória de vida da querida Dona Agar. Nossa eterna diretora deixa-nos um legado de amor e de dedicação que deverá ser sempre seguido.”

Rosemary Akel Porfírio Oliveira

Primeira Dama de Araxá/Superintendente da
FAMA.

“Dona Agar, baluarte da educação de Araxá, legando-nos exemplos maravilhosos de doação, amor e fé.”

Marlene Borges Pereira

Secretária Municipal de Educação.

“Dona Agar não será lembrada somente como a Mestra exemplar; como a Diretora exigente, mas compreensiva; como a Educadora que soube arrancar aplausos do Governo que lhe concedeu a Insígnia da Inconfidência por Méritos Cívicos, mas será lembrada, sobretudo, pela grande pessoa humana que foi: amiga atenciosa, pródiga em gestos de amor, generosidade, humildade e simplicidade próprios das grandes almas.”

Lucília Cardoso Porfírio

Ex-Diretora da Escola Estadual Delfim Moreira.

“A história de Araxá e a história dos profissionais da educação estão marcadas pela formação e o exemplo de Dona Agar de Affonseca e Silva.”

Maria Auxiliadora Ribeiro

Reitora do UNIARAXÁ.

“Dona Agar é um dos pilares da construção social de Araxá. Talvez o mais importante.”

Ronaldo Alencar Porfírio Borges

Brigadeiro do Ar.

“Desnecessário se faz mencionar virtudes e qualidades de Dona Agar, face ao exemplo e ao legado deixados em Araxá, que muito valorizam e enriquecem a nossa história.”

Danilo Cunha Júnior

Engenheiro Mecânico

“Dona Agar passou a fazer parte da história de Araxá, embelezando mais ainda a galeria ilustre de suas grandes mulheres, com seu exemplo de educadora e de vida.”

Pe. José Perfeito

Vigário da Paróquia de
São Domingos de Araxá
1978/1986 e 1989/2003.



Agenor Lemos ■

Dinâmico, lutador e idealista, Agenor Lemos nasceu líder. Órfão de pai, ainda menor de idade, deixou para trás a infância e encarou a vida de frente. Venceu. Não foi homem de “meio-termo”. Era tudo ou nada. Seu dia começava às 5 h da manhã e, em sua fazenda, tudo o que ordenava, também sabia fazer. “Quem não sabe fazer, não sabe mandar”, dizia.

Sócio da Associação Rural de Araxá, participou da Comissão Organizadora da 1ª Exposição Agropecuária e Industrial de Araxá, realizada de 30/08 a 1º/09/1958.

Agenor atuou como articulador e mentor da idéia de se criar a Cooperativa Agropecuária de Araxá (CAPAL - 30/11/1958) cujo principal objetivo era defender os interesses econômicos dos associados e facilitar o escoamento de produtos. Foi o 1º presidente da CAPAL.

Em 1965, ano do primeiro centenário da cidade, Agenor Lemos não mediu esforços no sentido de fazer da Exposição Agropecuária algo, até então, nunca visto em Araxá. Contou com o apoio de parceiros fortes entre os quais a Primeira Dama, Wanda Carneiro Santos. Toda a população, nas suas mais diversas áreas, vivenciou esse momento. Três dias de alegria e deslumbramento. Diversas personalidades do cenário nacional aqui fizeram

presença. Sucesso absoluto.

Em terreno doado pela prefeitura na administração Domingos Santos, criou-se, a seguir, o Parque de Exposições que hoje leva o seu nome: “Agenor Lemos”.

Agenor foi presença nos acontecimentos importantes da cidade, nos noticiários da época, no Jornal “Correio de Araxá”, na revista “O Trem da História” n.ºs 38 e 41 (publicação semestral da FCCB), nos Clubes Sociais e seu nome consta nos arquivos da ARAP (Associação dos Ruralistas do Alto Paranaíba) e da CAPAL (Cooperativa Agropecuária de Araxá).

Agenor Lemos estará sempre presente na memória dos que o conheceram por seu talento agropecuário e por sua personalidade ousada e empreendedora.

Nasceu em Araxá em 31 de março de 1924.
Filho de Manoel de Ávila Lemos
e Aureliana Machado Lemos.
Casou-se com Hercy da Silva Lemos em junho de 1948.
Três filhos: Sandra, Agenor Jr. e Roberto.
Faleceu no dia 7 de março de 1992.



Alonso José de Aguiar (Alonsinho)

Agropecuarista, Alonsinho foi, antes de tudo, um ser humano de extraordinária riqueza interior. Por onde passava, deixava um rastro de alegria e de bom humor. Inteligente, amigo, sempre pronto a servir a quem quer que fosse. Os que o conheceram, certamente guardam em suas memórias o sorriso com que Alonsinho acolhia a todos.

Os primeiros estudos, iniciou-os no Colégio Dom Bosco em Araxá e o ginásial, no Colégio Lafayette no Rio de Janeiro. Primário e Ginásial correspondem, hoje, ao Curso Fundamental.

Proprietário de grandes áreas de terra, herdou do pai, José Adolpho de Aguiar, a fazenda São Mateus, construída nos idos do século XIX. Gerações e gerações da família por ali passaram e, ainda hoje, a sede da fazenda guarda a beleza e a imponência dos tempos passados. Pessoas de renome foram ali recebidas, entre elas o Presidente Getúlio Vargas. Hoje a “São Mateus” pertence ao filho, Alonso Adolpho de Aguiar.

Como agropecuarista, Alonsinho plantava café, arroz, milho, feijão e demais produtos da agricultura. Como pecuarista, criava gado, cavalos “Manga-Larga” e pôneis.

Alonsinho recebeu de Deus dons inestimáveis.

A vida lhe proporcionou uma família sólida e um viver tranqüilo. Todavia nunca perdeu a humildade e o saber ser humano. Não se considerou “mais” e sua presença, amável e gentil, se fazia notar onde pudesse ser útil. Quando Zizinho abraçou a causa da APAE, Alonsinho manteve em dia os negócios do irmão para que esse pudesse exercer com plenitude a sua missão. Após a morte de Zizinho, Alonsinho concluiu a obra iniciada e se tornou membro participativo daquela entidade.

Alonsinho gostava da vida, participava de todas as comemorações da comunidade e foi presença em todos os acontecimentos sociais.

Nasceu em Ibiá, em 10 de agosto de 1924.

Filho de José Adolpho de Aguiar
e Silvéria Ferreira de Aguiar.

Casou-se com Suzana Pezzuti de Aguiar
em 9 de maio de 1944.

Três filhos: José Pedro, Silvéria Maria e Alonso Adolpho.

Faleceu em 19 de agosto de 2004.



Antenor Lemos ■

Agropecuarista, Antenor Lemos veio de importante ramo familiar: os Lemos, nomes fortes na pecuária de Araxá. Como agricultor, Antenor plantava para o consumo da casa e dos seus servidores. Como pecuarista, chegou a possuir um grande rebanho.

Proprietário de mais de uma fazenda, dedicava-se à criação do gado leiteiro e à produção de queijo.

Sócio do Sindicato Rural situado na antiga rua Boa Vista, hoje rua Olegário Maciel, para lá Antenor se dirigia todas as tardes. “Um dedo de prosa” com os amigos e um bom negócio quase sempre aconteciam.

Católico, participava de todos os movimentos religiosos, onde o seu prestígio e a sua sensibilidade eram muito considerados. O ano de 1955 deixou para a história a Festa de Reis realizada por Antenor e família. Todos os araxaenses, pobres ou ricos, foram convidados.

Depois veio a Festa do Divino Espírito Santo. Como “festeiro”, junto à “festeira”, representava a comunidade, homenageando o Espírito Santo. Nova festa foi realizada por Antenor. Magnífica! Como a anterior! As “alvoradas” que aconteciam

durante a novena que antecedia as comemorações foi um costume que persistiu por décadas. A Banda de Música passava pelas ruas da cidade às 05h da manhã, lembrando aos fiéis a proximidade do grande dia. Para Antenor a banda só poderia sair após o café da manhã, servido em sua residência, com farta mesa de “quitandas”.

Antenor zelou pela educação dos filhos e proporcionou-lhes o que de melhor existia à época. Sua filha Magdalena deu-lhe um neto, Antônio Leonardo Lemos Oliveira, Prefeito Municipal de Araxá por duas gestões: 2001-2004, 2005-2008.

Nasceu na Fazenda São Sebastião da Serra do Salitre, em 8 de fevereiro de 1906.

Filho de Manoel de Ávila Lemos e Aureliana Machado Lemos.

Casou-se com Marieta Lemos em 14 de agosto de 1927.

Seis filhos: Helena Martha, Manoel Gaspar, Ronaldo, Marlene, Magdalena e Marisia.

Faleceu em 25 de dezembro de 1984.



Arthur Rosa

Na Escola de Comércio Álvares Penteado em São Paulo/SP, Arthur formou-se em Perito Contador. Ainda em São Paulo, exerceu a profissão em várias empresas, antes de se fixar definitivamente em Araxá.

Aqui, trabalhou no Curso Psicotécnico, no Grande Hotel (Hidrominas) como diretor administrativo financeiro e na Agência Chevrolet que pertencia ao pai, Ernesto Rosa, em sociedade com o Dr. Honório Abreu e mais tarde com Dino Scarpellini. Por essa época, 1945, final da 2ª Grande Guerra, falava-se de uma possível confiscação de bens dos italianos residentes no Brasil. Sr. Ernesto, temendo uma perda total, passou o que lhe pertencia para o nome dos filhos: Mário, Arthur, Oswaldo e Carlos (Carlito), nascidos no Brasil.

Na Chevrolet, Arthur, como gerente acionista, entendia dos procedimentos administrativos, atuava no setor de vendas de veículos e peças, fazia treinamento com os funcionários, além de vistoriar o almoxarifado, sob controle rigoroso.

Como voluntário, Arthur prestou valiosos serviços à APAE, à Creche Nossa Senhora de Nazareth, ao Orfanato Santa Terezinha e ao Lactário Odette Valadares.

Participante da vida araxaense em todos os

seus segmentos, econômicos, políticos e sociais, Arthur foi ainda um apaixonado pelo esporte. Presidente do A.T.C. (Araxá Tênis Clube) e sócio-fundador e diretor do Najá Futebol Clube.

Presidente do Clube de Xadrez, incentivou os jovens à prática desse jogo, que desenvolve o raciocínio e a agilidade mental. Numa homenagem, o Clube de Xadrez de Araxá leva hoje o seu nome. Por mais de 60 anos participou de campeonatos e chegou mesmo a enfrentar o ex-campeão mundial, o holandês Dr. Max Euwe.

Arthur possuía uma memória invejável. De tudo e de todos se lembrava, com abundância de pormenores. A honestidade e o trabalho marcaram a vida desse homem cujo cérebro privilegiado, lhe permitia jogar xadrez às cegas, ou seja, memorizava o movimento das peças e preparava os lances mentalmente.

Nasceu em Araxá no dia 3 de outubro de 1915.

Filho de Ernesto Rosa e Letícia Scarpellini.

Casou-se com Diana Zarzana Rosa em 1936.

**Seis filhos: Ernesto, Conceição, Manfredo,
André, Marcelo e Sandra.**

Faleceu no dia 21 de fevereiro de 2004.

■ Baroni & Cia Ltda.

Em 1936, Dino Baroni, Adalberto Maneira, Manoel Lopes da Silva e Luiz Colombo se uniram numa parceria e criaram a firma "Baroni & Cia Ltda.". A empresa destinava-se à Revenda Ford, Auto-Posto e Oficina Mecânica. Cada um dos sócios tinha a sua função: Baroni — contador, Adalberto — seção de vendas, Manoel Lopes — chefe de oficina e Luiz Colombo — sócio capitalista. Algum tempo depois, Luiz Colombo se desligou da empresa.

A "Baroni & Cia.", localizada na rua Presidente Olegário Maciel esquina com a Av. Antônio Carlos, encerrou suas atividades em 30 de junho de 1981.

Foram 45 anos de serviços prestados à comunidade, serviços que Baroni, Dico e Manoelzinho desempenharam com eficiência. Participantes da vida araxaense, foram cidadãos exemplares e corretos.

■ Dino Baroni

A convite de Ernesto Rosa, Baroni aqui chegou na década de XX, viajando na parte traseira de um caminhão de carga. Veio como contador da Firma Chevrolet, passando, a partir de então, a participar ativamente da vida araxaense em todos os seus segmentos. E o fazia com a inteligência dos que sabem fazer e querem servir. Estimado e reconhecido pelos trabalhos realizados, Baroni deixou a memória de uma pessoa atuante e companheira.

Por 3 gestões foi presidente do Rotary Club de Araxá. Presidente do Clube Araxá e Presidente do Clube Brasil por várias gestões. O Ginásio "Dino Baroni" deve o seu nome a uma homenagem prestada ao cidadão que, nessa comunidade, constituiu família e doou-se inteiramente a tudo o que com ela se relacionava.



Nasceu em São Paulo/SP no dia 10 de fevereiro de 1906.

Filho de Ulisse Giuseppe Giovanni Baroni e Emília Sbrana Baroni.

Casou-se com Maria Luísa Rocha em 7 de dezembro de 1937.

Três filhos: Ricardo, Myrna e Myriam.

Faleceu no dia 23 de dezembro de 1982.

Adalberto Maneira (Dico) ■



Nascido em Formiga/MG, Dico, como era conhecido, contava apenas 7 anos de idade quando veio com a família para Araxá. Aqui viveu, aqui se casou e aqui nasceram seus cinco filhos. Por essa razão sempre se considerou araxaense. Jovem ainda, trabalhava como vendedor na concessionária local da Chevrolet.

Personalidade reservada, Dico era o tipo de homem que costumamos dizer “caseiro”. Calmo e tranquilo, nós o encontrávamos no caminho que o levava ao trabalho e no que o trazia de volta a sua residência. Dedicado à família e ao trabalho.

Nasceu em Formiga/MG no dia 25 de março de 1915.
Filho de José Martins Maneira e Clotilde Gontijo Maneira.
Casou-se com Maria José Santos Maneira no dia 12 de fevereiro de 1942.
Cinco filhos: Maria de Lourdes, Rogério, Ernani, Maria Marta e Adalberto Jr.
Faleceu em 28 de abril de 1986.

Manoel Lopes da Silva ■



Nascido em Portugal, Manoelzinho tinha 14 anos quando veio para o Brasil. Aos 19 anos matriculou-se na Escola de Artes e Ofícios de São Paulo como montador de carros. Sua trajetória de vida conta lutas e vitórias. Antes de se tornar mecânico foi lavador de carros, guarda-noturno e taxista (“chofer de praça”, dizia-se naquele tempo).

Manoelzinho representou Araxá na Conferência Internacional de Lauzanne-Suíça e no 1º. Encontro Brasil - Itália, Medalha Prefeito de Roma, ambos pelo Rotary Internacional em 1973. No 3º. Encontro Brasil - Portugal, Medalha Póvoa de Varzim - 1983.

Vicentino, prestou valiosos serviços ao Asilo São Vicente de Paulo e, como rotariano, foi presidente do clube e membro ativo por vários anos. Alegre, gostava de festas, de reuniões e de um bom vinho.

Nasceu em Argival, Conselho de Póvoa de Varzim - Portugal no dia 27 de setembro de 1907.
Filho de Fortunato José Lopes da Silva e Rosa Lopes.
Casou-se com Jacy Rodrigues de Faria Lopes em 2 de setembro de 1933.
Quatro filhos: Luís, Nilo, Márcia e Décio.
Faleceu no dia 24 de fevereiro de 2005.



Carlos Rosa (Carlito)

O trabalho sempre foi a principal diversão na vida de Carlito Rosa. Jovem ainda, prestava serviços na oficina mecânica da “Concessionária Chevrolet Ernesto Rosa e Cia.” Aos 4 anos de idade viaja com a família para São Paulo onde seu pai abriu um depósito de queijos. Retorna a Araxá e aqui faz os primeiros estudos no Grupo Escolar Delfim Moreira e no Colégio Dom Bosco. Não terminou o ginásio. Gostava do aprendizado visual. Era ver e aprender. Aos 15 anos voltou a São Paulo, onde freqüentou o Curso de Tecnologia de Motores.

Em 1942 ingressa no Aeroclube e, em 1943, piloto da primeira turma de formandos do Aeroclube local, torna-se o segundo araxaense a sobrevoar os céus de Araxá.

Em 1950, já casado, segue para a fazenda “Barrinhas” em Paracatu/MG. Eram cinco mil alqueires de terras de propriedade de Ernesto Rosa, seu pai. Carlito operava o trator e auxiliava na administração. Após algum tempo regressa a Araxá e passa a ocupar o cargo de gerência na Concessionária Chevrolet. Nessa ocasião, por várias vezes viajou a São Paulo, em busca de novos conhecimentos e aprimoramento, inclusive cursos na General Motors em São Caetano do Sul/SP. No início dos anos sessenta foi secretário da Cooperativa Agropecuária de Araxá, na gestão de Edgard Ladeira.

Com talento e criatividade, Carlito soube como solucionar questões de produção na “Fábrica Docebom”, empresa da família. Profissional competente e enérgico, sabia como transmitir aos funcionários, otimismo e confiança. Precisão, segurança, vigilância, presença foram marcas na vida de Carlito.

Por 2 anos explorou uma lavoura cafeeira. Devido à alta produção no país, o governo solicitou a erradicação do café, através de indenização em dinheiro. Com isso a plantação transformou-se em uma bela área de lazer, a chácara.

Carlito passou por 9 cirurgias, com enfermidades de alto risco. A todas sobreviveu. Hoje, aos 86 anos, recorda algumas de suas grandes paixões: família, voar, amigos, pescar, cerveja, jogo de cartas, futebol, natação.

Enérgico, mas também companheiro e amigo, soube como preparar os filhos para a vida.

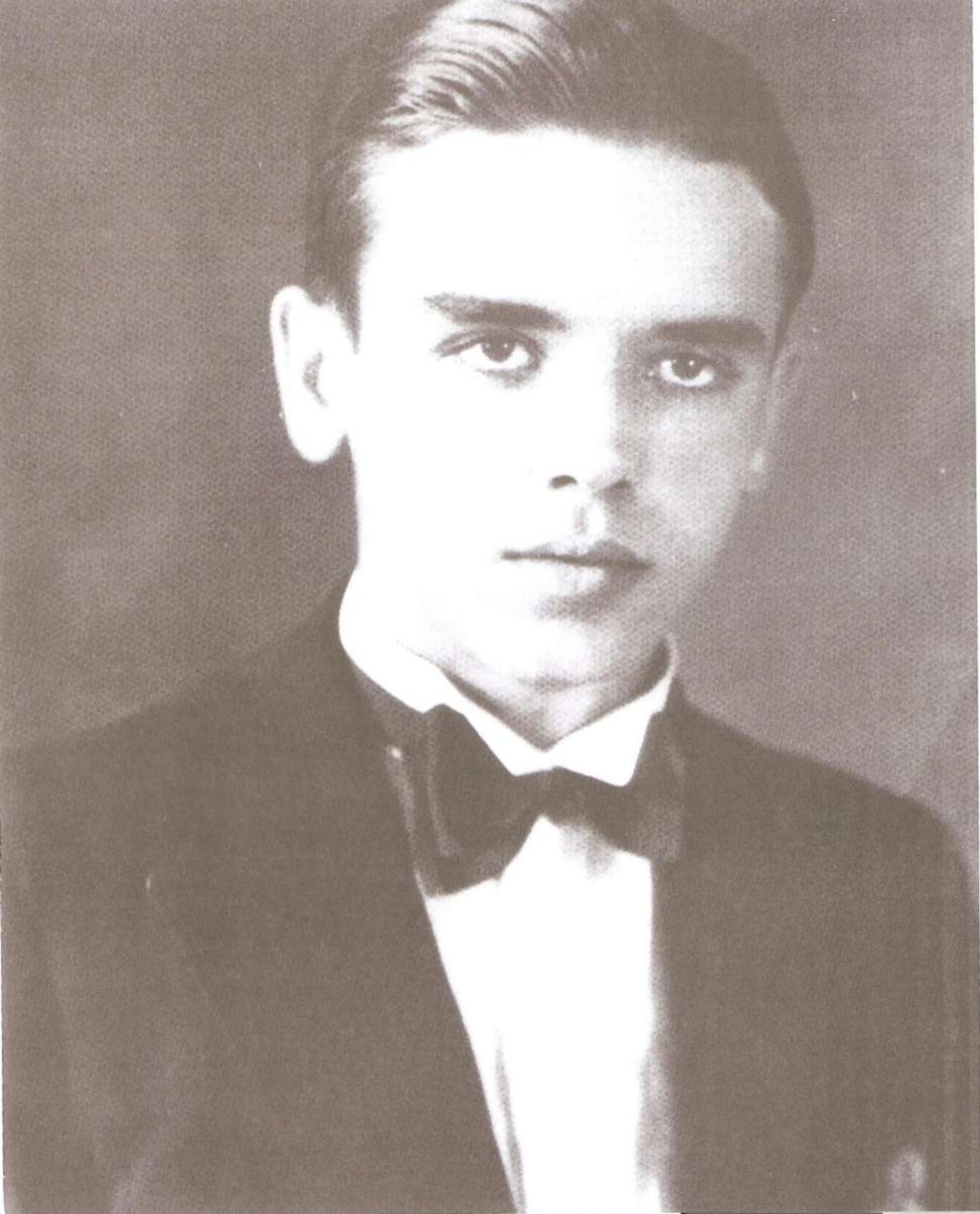
Nasceu em Araxá no dia 26 de novembro de 1922.

Filho de Ernesto Rosa e Leticia Scarpellini.

Casou-se com Cecília Beatriz Porfírio Rosa em 31 de julho de 1950.

Oito filhos: Carlos Jr., Cláudia Beatriz, Túlio, Leandro, Luciana, Daniel, Isaias e Lorena.

Araxá, 29 de agosto de 2008.



Cassiano Lemos Filho (Cassianinho)

Cassianinho. Reconhecido por suas atividades pecuárias, por sua fineza de trato e por sua eficiência. Jovem ainda, proprietário da Fazenda Mata Azul, próxima à bacia do Barreiro, dedicou-se ao aprimoramento da raça bovina Indubrasil.

Pela qualidade obtida em seu plantel, Cassianinho fez parte do grupo dos grandes criadores. Petróleo, Xodó, Hymalaia, Araxá, Indiano e It, campeões por diversas vezes em Minas Gerais, em especial nas exposições de Uberaba, capital do gado Zebu.

Um dos primeiros a utilizar o método de inseminação artificial, Cassianinho abasteceu e aprimorou o gado Indubrasil em diversas partes do Brasil: Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Pernambuco e Ceará.

Também no exterior comercializava os seus animais. Tailândia, México, Estados Unidos e Costa Rica, onde receberia uma homenagem, adiada por crise política ocorrida naquele país, nos anos 90.

Graças ao alto nível de conhecimentos adquiridos sobre as características genéticas dessa raça, Cassianinho, por várias vezes, participou como Juiz Oficial na Expo-Zebu, que há 74 anos se realiza em Uberaba, a nível nacional.

A honradez de caráter, marca a personalidade desse grande pecuarista que foi Cassiano Lemos Filho.

Histórico da Atividade Pecuária

A raça de gado Indubrasil resultou do cruzamento de três outras raças originárias da Índia: o Nelore, o Guzerá e o Gir. Manoel de Paula Lemos (Neca de Paula), avô de Cassianinho, interessou-se por essa raça que surgia.

Em Pratinha-MG, a família Lemos deu início à criação do gado Indubrasil com "Orgulhoso", o nome do primeiro garrote de cuja linhagem desenvolveriam a nova raça.

Em meados de 1925, dois dos filhos do Sr. Neca de Paula, Cassiano de Paula Lemos e Pedro de Paula Lemos, pai e tio de Cassianinho, se transferiram para Araxá onde deram continuidade ao trabalho de aprimoramento da raça Indubrasil, prosseguido depois pelos familiares, inclusive Cassianinho e seu irmão Dr. Pedro.

Nasceu em Araxá no dia 14 de fevereiro de 1921.

**Filho de Cassiano de Paula Lemos
e Josina de Ávila Lemos.**

**Casou-se com Maria de Lourdes Lemos
em 1º de setembro de 1942.**

**Três filhos: Cassiano Ricardo, Maria Helena
e Celso Renato.**

Faleceu no dia 22 de outubro de 1999.



Dalcy Santos Cunha ■

Dalcy tinha apenas 56 anos de idade quando morreu. Era feliz, bonita e elegante. Elegante no ser e no viver. Assim, a doença a encontrou. Sobreviveu pelo período de 6 anos e, durante esse tempo, ainda buscou momentos para doar-se, participar da vida e ser útil.

Em 1971, ano em que viria a falecer, uma tempestade devastadora deixara numerosas famílias desabrigadas. O vento levava-lhes o telhado e as paredes das casas. Dalcy sentiu que deveria e poderia ajudar.

Era janeiro, o mês das 'Folias de Reis' (uma tradição do séc. XIX). Mês em que grupos musicais saíam às ruas, entoando um refrão no qual pediam licença à "dona da casa" e uma ajuda para o santo. Tradição que ainda hoje persiste em Araxá e região.

Dalcy criou a "Folia Bossa Nova" (iniciado no final dos anos sessenta, a Bossa Nova foi um movimento musical que alcançou e encantou o mundo). Dalcy reuniu e acompanhou um grupo de jovens que, durante muitas noites, percorria as casas, cantava e pedia ajuda, em socorro às vítimas da chuva. Letra de Lúcia Soares Ferreira e música da tradicional "Folia de Reis":

"A Folia Bossa Nova, Aqui vem para cantar, Desejar-lhes boa noite, E alegria desejar' 'Se cantamos tão felizes, Não podemos esquecer, Dos que sofrem, Dos que choram, Na alegria de viver.' 'São os pobres,

flagelados, Não têm casa onde morar, Abra a porta, Estenda a mão, Vamos todos ajudar". Na saída: "A Folia Bossa Nova, Canta para agradecer, O seu gesto, Seu carinho, Esperança no viver.' 'Santos Reis, Esta Folia, E agora se despedem, Venham bênçãos, Do Senhor, Agora e sempre amém."

Soube-se, após a sua morte, que Dalcy prestava auxílio às casas de apoio aos idosos e carentes.

Os que a conheceram diziam que Dalcy fora, em sua juventude, uma mulher de extraordinária beleza. Dela, disse Ivone Borges Botelho, colunista no jornal 'Estado de Minas Gerais': "Tinha eu 14 anos e estudava interna no Colégio São Domingos. Certa ocasião, durante uma procissão, na altura da esquina onde hoje se situa a Praça Governador Valadares, deparamos com Dalcy, que acabara de chegar de férias do colégio onde estudava, em Oliveira/MG. Vestia-se de azul. Era ela, todo o fulgor! Todos a olhavam e os fogos de artifícios pareciam reverenciar sua beleza".

Dalcy foi feliz, amou a vida e nós, os seus filhos, com muito orgulho a preservamos em nossa memória.

Nasceu em Araxá no dia 13 de março de 1915.

Filha de Diomedes Gentil dos Santos e

Ranulfa Gomide Santos.

Casou-se com Danilo Cunha em 24 de outubro de 1933.

Três filhos: Yara Marília, Magaly e Danilo Jr.

Faleceu no dia 30 de dezembro de 1971.



■ Domingos Santos (Domingão)

Falar da personalidade e da trajetória de vida de Domingos Santos é tratar de um assunto que todos nós conhecemos e aplaudimos.

Caráter íntegro, Domingos lutou para ser, lutou para servir e serviu com dignidade. No cenário de dificuldades da Araxá dos anos 1950/60, Domingos entendeu que a prioridade máxima numa administração deve ser sempre o ser humano.

- Vereador mais votado (1950 - 1954).
- Prefeito aos 36 anos (1955 - 1958).
- Deputado Estadual, suplente (1959).
- Prefeito reeleito (1963 - 1966).
- Diretor do Tesouro do Estado de Minas Gerais (1967/1970) tendo por função coordenar e gerenciar os Cofres do Estado de Minas Gerais.

Homem público e cidadão de extraordinário valor, Domingos Santos cumpriu a sua missão com honra e dignidade.

Nasceu em Araxá no dia 4 de agosto de 1918.

Filho de Armando Santos e Venina Machado Santos.

Casou-se com Wanda Carneiro Santos em 17 de maio de 1944.

Quatro filhos: José Armando, Luiz Alberto, Wanda Maria e Venina Teresa.

Faleceu no dia 8 de junho de 2008.

A palavra agora com pessoas dentre aquelas que o conheceram e que com ele conviveram:

“Conhecer a vida do senhor Domingos Santos não basta. É preciso tomá-la como referência de simplicidade, amizade sincera e desprendimento. Uma liderança notável, que faz parte do rol de figuras humanas que admiro e que não passou em branco pela vida. A sua história é um exemplo para nós.”

Antônio Leonardo Lemos Oliveira
Prefeito Municipal de Araxá

“Domingos Santos destaca-se na história de Araxá como um grande exemplo de cidadania, pois o amor pela terra levou-o à política exercida como um instrumento para a realização de seus ideais a favor da cidade, pautado pela ética e pelo desapego ao poder, tanto que se tornou uma referência digna deste registro histórico.”

Ana Paula Machado Kikuchi
Jornalista

“Araxá ficou menor com o desaparecimento do estimado cidadão ex-prefeito Domingão Santos, que pautou suas ações pela lhanza de trato, honestidade e zelo pela coisa pública. Domingos Santos cumpriu dois mandatos sem quaisquer turbulências.”

Atanagildo Côrtes
Empresário

“Político honesto, personalidade que marcou sua atuação como prefeito, Domingos Santos foi exemplo de homem público.”

Cássio Santos
Dentista e irmão

“Na simplicidade de vida, manifestação do “Senhorio de Deus” – Domingos – o serviço à pessoa humana através da cidadania plena, política. Esta é a sua memória, atualização do que é bom.”

Manoel Claro Costa - Padre
Vigário da Paróquia de São Domingos

“Homem corajoso e comprometido com os sonhos da comunidade. Criou, em 1964, uma escola pública que oportunizou aos jovens das camadas menos favorecidas, saciar a fome do saber. A E.E. Vasco Santos atende anualmente mais de 1500 jovens araxaenses.”

Maria Cristina de Oliveira Barreto
Diretora da Escola Estadual Vasco Santos

“Mestre Domingos Santos – o nosso Domingão – entra para a história como uma referência política em seu mais alto grau. Dono de extrema habilidade e rara inteligência protagonizou páginas importantes dos destinos de Araxá. E é por força daquele carisma especial, entre tantos outros predicados, que para sempre se fará inesquecível.

Mestre Domingão: daqui, o nosso aplauso. Daqui, a nossa saudade.”

Olavo Drummond Filho
Diretor-presidente da Rede Sintonia de Comunicação

“Minha convivência com o Domingão me fez perceber o quanto era sensato, discreto, terno, amigo de seus amigos, presente na vida de seus familiares, respeitoso na relação médico/paciente e, acima de tudo, sereno para enfrentar a doença e a morte. Obrigado por tudo que me ensinou”.

Oswaldo Teixeira Afonso
Médico cardiologista

“Vereador 1950/1954, Domingos foi ainda prefeito por dois mandatos. Valorizou a educação, tendo fundado as Escolas Estaduais: “Vasco Santos”, Dom José Gaspar e Armando Santos. Em sua gestão trouxe a Seleção Brasileira de Futebol, campeã mundial em 1958. Honesto e dedicado à causa araxaense.”

Ricardo Zema
Empresário

“Domingos Santos foi Prefeito de Araxá por duas vezes. Antes, durante e depois dos mandatos sempre foi o Domingão um homem igual que sempre soube respeitar o povo e o poder. Ele foi e – sem o saber – ficou.”

Ronaldo A. Porfírio Borges
Brigadeiro do Ar da Força Aérea Brasileira.

Domingos!.....

64 anos juntos.....

Atando nós e desatando laços.....

Wanda Carneiro Santos
Esposa



Dorvalino Pereira ■

Nascido em São Jerônimo dos Poções/MG, Dorvalino veio para Araxá após seu casamento com a araxaense Maria Aparecida Palhares. Aqui nasceram-lhes os onze filhos e aqui foram felizes. Dorvalino considerava-se araxaense e também os araxaenses o consideravam um filho da terra.

Homem simples e trabalhador, ao lado de sua esposa, criou uma família numerosa, encaminhando-os para serem dignos e honestos.

Dorvalino tinha lá os seus hábitos dos quais não abria mão. O café da manhã ele mesmo o preparava e o pão tinha de ser o da “Padaria Pão Nosso”. O almoço não podia passar do horário

de 11:30h. O whisky “cowboy”, sempre às 17h e o jantar servido, impreterivelmente, às 18h. Dormia logo após o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão.

No Grande Hotel do Barreiro, trabalhou no almoxarifado e na cidade foi proprietário de bar. Ambos por pouco tempo. Como Oficial de Justiça, cedido ao Cartório Eleitoral no Fórum Tito Fulgêncio em Araxá, atuou por mais de 40 anos.

Sobre Dorvalino diz sua filha Cidinha: “Sempre que nos perguntam sobre o que mais caracterizava o nosso pai, nos vem à memória seu sorriso doce, suas mãos fortes e marcantes e o indefectível terno, que nunca ousou substituir por um traje casual”.

Nasceu em São Jerônimo dos Poções no dia 4 de junho de 1906.

Filho de Laurindo Carlos Pereira e Saturnina Cândida de Jesus.

Casou-se com Maria Aparecida Palhares em 19 de novembro de 1935.

Onze filhos: Maria Auxiliadora, João Bosco, Olavo, Neusa Maria, Fábio, José Eustáquio, Luiz Antônio, Carlos Eduardo, Francisco de Assis, Maria Aparecida e Márcio.

Faleceu no dia 8 de julho de 1993.



Edgard Martins Maneira

Jovem ainda começou a trabalhar, devido às dificuldades financeiras da família. Os primeiros estudos os fez em Araxá, primário e ginásio. Participou da Banda Infantil Dom Bosco, fundada pelo ex-professor e amigo Pe. Clóvis Ramos Costa Villa-Nova. Executava clarineta e o fazia bem. Era um artista.

Trabalhava, estudava e tocava na banda. Jovem de valor o Edgard Maneira. De Araxá transferiu-se para Ribeirão Preto/SP, onde concluiu o curso Técnico de Contabilidade na Escola Técnica de Comércio Amaro Cavalcanti. cursou ainda a Faculdade de Ciências Econômicas Oscar de Moura Lacerda.

De regresso a Araxá, Edgard leciona na Escola Técnica de Comércio Salesiana, fundada também por Padre Clóvis Ramos Costa Villa-Nova. Com a transferência de Padre Clóvis para outra unidade salesiana, Edgard assume a direção da escola, que passa a se chamar “Escola Técnica de Comércio Araxá”.

Cargos ocupados e obras realizadas:

- Diretor Executivo da Hidrominas - 1961.
- Presidente da Associação Comercial e Industrial de Araxá (ACIA).
- Responsável pela implantação do SESC em Araxá.

- A construção da engarrafadora de Águas Minerais e da Estação Rodoviária do Barreiro, o saneamento básico, a iluminação da Bacia do Barreiro e o Fundo de Assistência aos Funcionários da Hidrominas, aconteceram durante sua gestão.
- Diretor Administrativo da COENSA de 1966 a 1972.
- Por 12 anos, membro da provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Araxá, época em que o hospital recebeu inúmeras benfeitorias.

Homenageado na coluna “Quem foi Quem” da revista “O Trem da História” de número 44, Edgard tem ainda sobre ele um livro que conta as suas memórias, da autoria da historiadora Glaura Teixeira Nogueira Lima.

Empreendedor, político e professor, Edgard foi homem justo, dedicado à família e aos amigos.

Nasceu em Araxá no dia 12 de novembro de 1932.
Filho de José Martins Maneira e Clotilde Gontijo Maneira.

Casou-se com Lygia Cardoso Maneira
em 1º de setembro de 1955.

Sete filhos: Iara, Edgard Júnior, Ângelo, Cleonice,
Eduardo, Sílvia e Adriana.

Faleceu no dia 26 de julho de 2005.



Edmar Cunha (Dr.) ■

Formou-se na Universidade Federal do Rio de Janeiro (Escola da Praia Vermelha) em 1932. Dele, disse o Dr. Rinaldo Dellamare, famoso pediatra e autor de vários livros: “Edmar traz nas mãos, um sexto sentido. É o melhor pediatra que conheço”. Face a esse talento de diagnosticar com precisão, foi convidado a clinicar no maior Hospital Público do Brasil à época. Declinou do convite: Waldette, sua noiva, o esperava.

Como pediatra Dr. Edmar clinicou em Araxá num tempo em que eram raras as especializações na área médica. Com freqüência, trazia ao seu consultório, médicos conceituados para atender à população: Dr. Victor Mascarenhas (otorrino em Uberaba) e Dr. Martagão Gesteira (grande pediatra no Rio de Janeiro).

O Lactário Odette Valadares, criado com o objetivo de atender crianças carentes, foi idealizado e inaugurado por Dr. Edmar na década de 1940 com o apoio de Dona Maroca, enfermeira prática.

Reservava um dia na semana para atender gratuitamente aos menos favorecidos e permitia, ainda, que os medicamentos fossem retirados em sua conta na Farmácia de Sebastião de Affonseca e Siva.

Em Buenos Ayres (Argentina) fez cursos com-

plementares na área de pediatria.

Como Clínico Geral foi chefe do Centro de Saúde Municipal e médico nas Termas do Grande Hotel do Barreiro. Atendia aos que vinham descansar e fazer o uso das águas. Políticos e artistas famosos passaram por suas mãos. Atendeu aos jogadores da Seleção Brasileira, Campeã Mundial em 1958, e também à filha de Juscelino Kubitschek de Oliveira, cujo diagnóstico, dado por ele, foi confirmado nos EEUU. Oswaldo Aranha, pertencente à família de políticos influentes, anualmente consultava-se com ele. E veio, especialmente, quando de sua morte.

Dr. Edmar foi excelente orador. Praticava esportes e amava a vida.

Nasceu em Araxá no dia 4 de julho de 1908.

**Filho de Dr. Garibaldi Cunha
e Olga Torres Cunha.**

**Casou-se em com
Waldette Santos Cunha em 1935.**

**Três filhos: Wilma de Lourdes,
Rinaldo e Viviane.**

Faleceu no dia 9 de julho de 1962.



Elisa Maria Alves da Costa ■

Diplomada em Pedagogia em 1974 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino de Uberaba, Elisa foi professora e orientadora educacional por vários anos. Exerceu o magistério na rede estadual de ensino. Vice-diretora em duas escolas: Escola de Minas Gerais, atual CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) e Escola Estadual Vasco Santos.

Todavia o destino lhe reservava uma carreira política vitoriosa, à qual ela se dedicou inteiramente. Vereadora por três mandatos, foi Secretária de Mesa e, pelo período de dois anos, exerceu a Presidência da Câmara (1983/1984).

Como Presidente, viabilizou a autonomia financeira e administrativa da Câmara Municipal, dotando-a de prédio próprio e estrutura funcional independente do Executivo.

Na administração Waldir Benevides de Ávila foi Vice-Prefeita e ocupou, ainda, o cargo de Secretária Municipal do Bem-Estar Social (1989/1990).

Elegeram-se Deputada Estadual (1991/1995). Excelente oradora, Elisa teve uma atuação brilhante na política. Vice-Presidente da Comissão

de Constituição e Justiça, Vice-Presidente da Comissão de Redação e suplente da Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Turismo e Lazer, na Assembléia Legislativa.

Filiada ao PRS, pertenceu à ARENA, ao PDS, ao PFL e ao PMDB.

Ser humano de extraordinário valor, Elisa preocupava-se com os menos favorecidos e tinha sempre um sorriso largo e bonito para quem dela se aproximasse.

Católica fervorosa, sentia devoção especial por Santa Terezinha do Menino Jesus.

Nasceu em Araxá no dia 15 de janeiro de 1949.
Filha de Antônio Alves da Costa
e de Rita Dias Costa.
Não se casou e não teve filhos.
Faleceu no dia 12 de junho de 2005.



Guilherme Gotelip Neto ■

Nascido em Juiz de Fora, Guilherme transfere-se para Belo Horizonte em torno de 1950. Por falta de linhas telefônicas, exerce a função de radiotelegrafista no Palácio da Liberdade. Por suas mãos passavam documentos considerados sigilosos.

Em 1953 chega a Araxá, cidade onde se casou e onde nasceram seus filhos. Também aqui, exerce a função de radiotelegrafista. Durante 20 anos, atuou como funcionário e agente da VARIG (Viação Aérea Rio Grandense). Vereador eleito por dois mandatos (1984-1987, 1988-1991). Homem do povo, teve um trabalho marcante na Câmara Municipal. Firme em suas decisões, conquistou o prestígio e a amizade junto aos araxaenses. E, por tudo isso, recebeu, com justiça, o título de Cidadão Honorário de Araxá, cidade que muito amou.

Contava mais de 40 anos de idade, quando se formou em Letras, pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras do Planalto de Araxá, hoje, UNIARAXÁ. Presidente do Centro Acadêmico, conseguiu, após muitos esforços, o reconhecimento do Curso de História. Trabalhou no escritório das Casas São Jorge e, também, nos escritórios do Grupo Zema como gerente nos postos de gasolina.

Constam de seu currículo:

- Administrador das Casas da COHAB do Bairro Alvorada
- Primeiro gerente do CSU (Centro Social Urbano). Através dessa entidade conseguiu levar água e luz para a comunidade da Chapadinha. Pioneiro na criação das Associações de Bairros nos bairros Alvorada e Chapadinha.
- Secretário de Viação e Serviços Urbanos na gestão do Prefeito Aracely de Paula.
- Presidente e membro fundador do Rotary Club de Araxá Norte.
- Presidente da ADONEP (Homens de Negócios do Evangelho Pleno em Cristo).
- Presidente dos Gedeões Internacional.
- Presidente-Fundador do Clube de Caça e Pesca de Araxá.

Ainda teríamos muito o que falar de Guilherme Gotelip, homem carismático e que exerceu a sua cidadania com respeito e honra.

Nasceu em Juiz de Fora/MG no dia 29 de junho de 1932.
Filho de Jaime Gotelip e Laurinda Menezes Gotelip.
Casou-se com Marlene Mascarenhas Torres em 1956.
Seis filhos: Mariângela, Guilherme, Maria Angélica,
Marinez, Emílio e Maria Dulce.
Faleceu no dia 23 de maio de 2001.



Venha a nós
do Reino

A Jesus

Henrique Ribeiro de Brito (Pe.) ■

Nascido na Fazenda da Lapa, Chapadão do Bugre, município de Sacramento/MG, Padre Henrique foi registrado na Comarca de Araxá. Os primeiros estudos, os fez no Grupo Escolar Delfim Moreira e, no Colégio Dom Bosco, os dois primeiros anos do ginásio. Os cursos primário e ginásial correspondem, hoje, ao Ensino Fundamental.

Em 1936, a conselho do Padre José Piasek, seguiu para o Seminário Salesiano de Lavrinhas/SP, onde se formou no Instituto Salesiano de Filosofia e Pedagogia. Participou de cursos técnicos de extensão na Faculdade Salesiana Dom Bosco em São João Del Rey/MG e na Faculdade de Filosofia de Uberlândia/MG. E, ainda, o Curso Teológico no Instituto Salesiano Pio XI em São Paulo/SP e o Curso Técnico de Agricultura do Instituto Brasileiro de Campinas/SP.

Com os conhecimentos adquiridos somados à competência e à dedicação, passou a lecionar nos colégios da rede salesiana, nos vários graus de ensino. Foram 52 anos de exercício no magistério. Culto e inteligente, Padre Henrique doou o seu saber aos que dele necessitavam. Ao longo de sua vida, ocupou cargos de responsabilidade, cargos esses destinados a pessoas de nível intelectual elevado.

- Diretor em Casas de Formação (Seminários)

- Professor nos Colégios da Rede Salesiana
- Mestre de Noviços da Inspeção Dom Bosco
- Membro do Conselho Inspeccional
- Membro do Cabido Diocesano de Uberlândia.

Obras Biográficas de sua autoria:

- Bispo Luís Lasagna - fundador da obra salesiana no Brasil
- Mamãe Margarida - mãe de Dom Bosco
- Ilustres Sacerdotes Salesianos
- Irmãos Coadjuutores Salesianos.

A solenidade dos Votos Perpétuos na Congregação Salesiana aconteceu em Pindamonhangaba/SP no dia 31/01/1946. No Santuário do Sagrado Coração de Jesus em São Paulo/SP, foi ordenado sacerdote por Dom Orlando Chaves, Arcebispo de Cuiabá/MT. Desprendido dos bens materiais, muitos dos objetos que se encontram no Museu Histórico de Araxá - Dona Beja nos foram doados pelo Padre Henrique — valiosa contribuição para a preservação da história de Araxá.

Nasceu em Chapadão do Bugre no dia
1º de dezembro de 1922.

Filho de Armando Britto Castro e
Claudemira Ribeiro Borges de Castro.
Faleceu no dia 7 de setembro de 2008.



Hugo de Rezende Levy (Dr.) ■

Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1918. Atendendo ao apelo institucional feito pelo governo francês para o combate às epidemias surgidas após a I Guerra Mundial, Dr. Hugo Levy participou da Missão Médica do Brasil na França em 1919. Depois de um ano retorna ao Brasil.

Prossegue o exercício da medicina no Rio de Janeiro e, em 1922, a convite de José Adolpho de Aguiar, transfere-se para São Pedro de Alcântara, hoje, Ibiá. Por falta de profissionais àquela época, Dr. Hugo Levy, com a competência e o desprendimento que lhe eram peculiares, deixou o Rio de Janeiro para vir em socorro às pessoas necessitadas. Homem de notável saber, aqui prestou inestimáveis serviços. Em 1924, após turbulência política em São Pedro de Alcântara, vem para Araxá e aqui desenvolve um trabalho sério em favor da comunidade. Atende na cidade e na Estação de Águas do Barreiro, orientando os turistas que aqui vinham para fazer o uso das águas.

Em Araxá assumiu o cargo de Prefeito Municipal no dia 23/12/1929. Exerceu o mandato até 23/09/1930. Um curto período. Uma administração brilhante. Dentre as várias realizações: pavimentação e ajardinamento da Av. Antônio Carlos;

construção da Praça Arthur Bernardes; melhoramentos nos serviços de luz e água; alargamento e parte da pavimentação da Rua Mariano de Ávila e desapropriações que permitiram a ligação da Av. Antônio Carlos à Pça Coronel Adolpho. Posteriormente, eleito vereador e Presidente da Câmara Municipal. “A melhor e mais produtiva época de minha vida foi a que vivi em Araxá, sobretudo pela amizade e pelo relacionamento com o povo”, dizia Dr. Hugo Levy.

Um dia se foi. Após quase 30 anos em Araxá, seguiu para Belo Horizonte. Corria o ano de 1950. Dr. Hugo sentia falta de seus pacientes e dos amigos que deixara e Araxá perdia um ser humano de grande valor e um profissional de reconhecidos méritos, que prestou valiosos serviços a essa terra.

Nasceu em Juiz de Fora no dia 26 de abril de 1894.

Filho de Nephtali Levy e

Maria Eugênia de Rezende Levy.

Casou-se com Maria Ferreira de Aguiar

em 7 de novembro de 1930.

Três filhos: Lucilla, Maria Eugênia e Hugo.

Faleceu no dia 11 de janeiro de 1956.



Vanilda, Heráclita, Claudenise, Elizabete, José Eustáquio, Édson, Jair e Francisco.
Descendem dos remanescentes indígenas de Araxá. 2008. FCCB.

Índios Araxás ■

No início da colonização portuguesa no Brasil, muitos dos povos indígenas da região do Cerrado foram exterminados, vítimas do “homem branco”. Os Catú-awarachás ou Índios Arachás foram um desses povos. A expedição de Lourenço Castanho Taques (séc. XVI) traz a primeira referência aos Arachás.

Essa tribo habitava em terras elevadas, entre o Rio das Velhas e o Rio Quebra Anzol, ao norte da Serra da Canastra. Tinha o nome Arachás que em tupi-guarani significa: lugar alto de onde primeiro se avista o sol. Tais terras, conhecidas como “Sertões dos Arachás”, eram a rota dos bandeirantes que partiam para a Capitania de Goiás em busca de riquezas.

Para os conquistadores portugueses, a presença dos índios constituía um obstáculo ao processo de colonização. Gente brava e guerreira, os Arachás lutaram por mais de um século, na defesa de seu território. Finalmente, em 1776, atacados por ho-

mens sob o comando do Coronel Inácio Correia Pamplona, os Arachás foram dizimados e os poucos sobreviventes, expulsos ou tornados escravos.

Hoje os descendentes guardam os antigos costumes e lutam para o reconhecimento e a valorização de sua identidade. Sentem-se desrespeitados e lembram a humilhação e o sofrimento vividos por seus antepassados.

A atual “Associação Andaia”, tem esse nome numa homenagem a Andaia, Grande Chefe Guerreiro. Presidida pelo cacique Carcará-urú-arachás (registrado no Cartório Civil como Edson Adolfo da Silva), a Associação tem como principal objetivo resgatar a memória desse povo.

Segundo Edson Adolfo, os descendentes indígenas junto a outras etnias da região do Triângulo Mineiro e Alto-Paranaíba buscam o intercâmbio cultural e artístico entre os povos indígenas de todo o Brasil. Reivindicam a preservação da língua, dos costumes e das tradições.



Jandira Santos Oliveira

Jandira viveu em busca de um único objetivo: doar-se em favor do próximo. E para ela todos eram “o próximo”. A preocupação com os necessitados foi uma constante em sua vida. Ajudava-os além de suas posses. O bem-estar da família e a ajuda aos menos favorecidos, uma meta a ser cumprida.

Por longo tempo viveu na fazenda, época de muitos afazeres e lidas diárias. Cuidava de tudo e de todos. Famosa por suas “quitandas” (biscoitos, roscas, bolos, pães de queijo), dela costumava-se dizer: “Se Jandira põe as mãos, ‘vira ouro’. Igual à Jandira, somente uma outra Jandira”.

Gostava de festas e reuniões de família. Uma herança adquirida do pai, Alonso Veloso dos

Santos, pertencente à tradicional família araxaense, uma gente alegre e “festeira”.

Momentos difíceis, ela os venceu com força de vontade e determinação. Criou os seis filhos dentro dos princípios cristãos deixando a cada um deles um legado de exemplo e honra.

Nasceu em Araxá, no dia 11 de outubro de 1905.

Filha de Alonso Veloso dos Santos e Ana Veloso dos Santos (Donana).

Casou-se com Eugênio Cândido de Oliveira no dia 1º de setembro de 1928.

Seis filhos: José, João, Antônio,

Lázaro, Teresinha Auxiliadora e Sebastião.

Faleceu no dia 18 de junho de 1984.



Joana Pereira Teixeira

(D. Joaquinha)

Joaninha veio de uma família onde as virtudes cristãs eram prioridades. Em Campa-
nha/MG, Joaninha frequentou o Colégio
Nossa Senhora de Sion e, ali, recebeu educação
esmerada. Falava corretamente o francês, tocava
piano e sabia lidar com tintas e pincéis.

Envolvida com os trabalhos domésticos e com
a educação dos filhos, a ociosidade nunca foi sua
parceira. Os que a conheceram, a ela se referem
como uma mulher forte e vitoriosa.

Joaninha buscava a perfeição em tudo o que fa-
zia. Na Fazenda “Pão de Açúcar”, de propriedade da
família, recebia com carinho os que ali chegavam
para compartilhar momentos agradáveis e para sa-
borear e apreciar a sua excelente culinária. Joaninha

faleceu, quando contava 65 anos de idade. Sua lem-
brança estará viva para sempre na memória dos que
a conheceram e com ela conviveram.

Amor, esperança e fé, dentre os muitos atributos
que lhes eram particulares, ela os deixou, quando
partiu, como exemplos de uma vida íntegra.

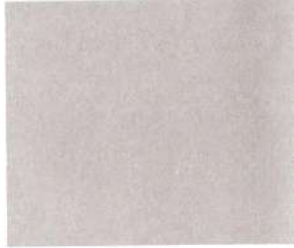
Nasceu em Araxá, no dia 16 de junho de 1900.

**Filha de Terêncio Pereira de Rezende
e Adélia Rodrigues Valle.**

**Casou-se com Ananias Teixeira
em 2 de fevereiro de 1921.**

**Oito filhos: Rafael, Luiz, Eleuza, Dionísio,
Ismael, Alípio, César e José.**

Faleceu no dia 17 de janeiro de 1965.



João Pereira de Rezende

Para quem o conheceu e com ele conviveu ficou a lembrança de um olhar sereno de azul intenso, que refletia generosidade e grandeza interior. O terno branco de brim, traje de todas as horas, mesmo na fazenda, e o animal de montaria, um cavalo branco de nome “Campolino”. Joãozinho Pereira, como todos o chamavam, trazia do passado interessantes histórias que eram relatadas na cozinha, ao pé do fogão e que, com carinho, repassava aos netos muitas vezes sentados ao chão à sua volta.

Formava, junto aos irmãos, um conjunto musical sempre disponível para animar alguma festa ou comemoração local. Joãozinho Pereira executava clarineta. Seus dois irmãos, Antônio e Terêncio, tocavam saxofone e flauta, respectivamente.

O pai tinha uma fundição em suas terras. Talvez essa a razão do interesse de Joãozinho Pereira pela mineração. Na “Fazenda Pântano”, de sua propriedade, iniciou um projeto de mineração. Geólogos alemães prestaram serviços no sentido

de ajudá-lo. Eram alemães provenientes de Solingen, onde se fabricam os melhores canivetes e lâminas do mundo.

Gostava do garimpo e esperava encontrar ouro. Todavia o rútilo e a ilmenita eram os minérios mais abundantes em suas terras, na Lagoa Seca. João Pereira conhecia fundição e metalurgia rudimentares, chegando a produzir foices, facões, enxadas, etc. Plantava a cana de açúcar para a produção de rapaduras que, a seguir, eram comercializadas. As demais lavouras atendiam ao consumo da casa. Criava o gado leiteiro e fazia o queijo. Contou com o apoio da esposa Etelvina (“Sá Teves”) que o ajudava nas lidas diárias da fazenda.

Joãozinho Pereira, personalidade doce e afável, gostava de crianças, que também gostavam dele. Com carinho prestava socorro às pessoas necessitadas, em especial às mentalmente perturbadas. Dentro da fé cristã, deixou aos filhos o exemplo de homem justo e bom.

**Nasceu em Araxá no dia 15 de outubro de 1877.
Filho de José Pereira Guimarães e Joana Cândida de Rezende.
Casou-se com Etelvina Borges de Rezende (Sá Teves) em 1896.
Doze filhos: Abílio, Maria, Sebastiana, José, Terêncio,
Lídia, Amália, Jacinta, Mateus, João, Tereza e Etelvina.
Faleceu no dia 26 de abril de 1954.**



■ José Ananias de Aguiar (Zizinho)

O Apóstolo da APAE. Assim se inicia essa história. Uma história de amor e de doação. Glícia e Rogério Santos, nos idos de 1960, desenvolveram um trabalho em favor de crianças e jovens especiais. Momentos difíceis aqueles. Recursos escassos e muita luta. Contavam com o apoio do então prefeito Paulo Márcio Ferreira. E também da comunidade.

Glícia sonhava adquirir instrumentos para uma Banda Musical. Segundo ela, a música ajudaria no desenvolvimento desses jovens. Recorreram ao Zizinho Aguiar. Emocionado, aderiu à causa. A partir desse momento, os sonhos transformaram-se em certezas.

Os ideais de Glícia e os de Zizinho se uniram, na consolidação desse ideal. Problemas financeiros deixaram de existir. Ele socorria a tudo e a todos. Com a doação do terreno, a APAE, em 15/03/1969 iniciou a construção do prédio que mais tarde se tornaria a sua sede definitiva.

Bem, vamos retroagir um pouco no tempo. Por aquela época dos anos 60, acontecia no Grande Hotel do Barreiro, um Congresso Médico de neurologistas. Zizinho chegou apressado, como sempre fazia e disse “Vamos

Glícia, meu tempo é curto”. (Ninguém entendia a que tempo ele se referia. Talvez soubesse que sua vida seria breve). E acrescentou: “Me inscrevi no Congresso e a você também. Não somos médicos minha filha, sei, mas temos muito o que conversar nos corredores”.

Não gostava de discursos, mas se era para ajudar a APAE, qualquer “tamborete” servia para subir e falar sobre a instituição. Em sua chácara fundou a Associação do Grupo Apaiano. Dona Silvéria, sua mãe, juntou-se ao grupo e criou o Salão de Costuras. Zizinho e Dona Silvéria, financiaram por 3 anos os estudos em Petrópolis, da primeira fisioterapeuta que chegou a Araxá e por seu intermédio foi aplicado um método inglês, o BOBATH, que exigia muitos aparelhos. Certa noite, fora do horário de expediente, sons semelhantes a marteladas foram ouvidos. As pessoas acorreram a saber o que se passava. Tratava-se de Zizinho que, ao chão, vermelho e suado, verificava se as peças do aparelhamento estavam seguras. E confidenciou baixinho: “Não conta pra Elizena não, porque eu nunca troquei sequer uma lâmpada em casa”.

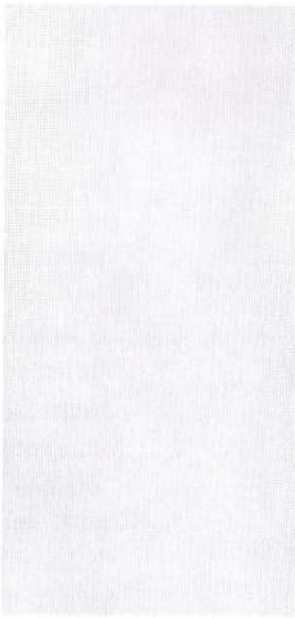
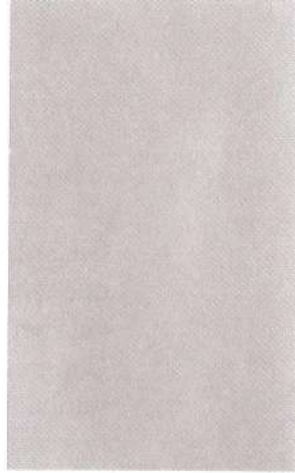
A APAE foi legalmente instituída no dia 27/03/1971. Contou com a colaboração de vários cidadãos que abraçaram a causa e foram importantes no projeto. Zizinho, Dona Silvéria, Glícia, Rogerinho, Polybio Paiva, dentre outros. Dâmaso Drummond, cuidou da organização nas questões jurídicas. Arthur Rosa, na parte contábil. Ítalo Pezzuti, no projeto arquitetônico.

Nova missão ainda estava por cumprir: a divulgação da APAE nas cidades vizinhas. Um grupo de pessoas, unidas no ideal de servir, viajaram para Uberaba, Uberlândia, Araguari, Patos de Minas e o sul do Estado, onde as casas de ajuda funcionavam mais no estilo professoral. O trabalho resultou em êxito e, em Araguari, criou-se a primeira APAE das comunidades visitadas. Convidado para a cerimônia de inauguração, Zizinho não retornaria a Araxá. Anunciado para fazer o uso da palavra, já não foi possível. Era o fim. Terminara a missão de um ser humano notável que, com as mãos repletas de luz se apresentava ao Criador. E sua memória entra para a História de Araxá.

Atividades anteriores: Estudou no Colégio Rio Branco em São Paulo. Pecuarista, proprietário da Fazenda São Mateuzinho. Empresário, fundou a Droganova. Diretor-Presidente da revenda Chevrolet, antiga Auto-Aguiar.

Após a sua morte foi criada a “Medalha José Ananias de Aguiar”, com que foram agraciados os benfeitores da APAE.

Nasceu em Araxá no dia 30 de março de 1913.
Filho de José Adolpho de Aguiar e Silvéria de Aguiar.
Casou-se com Elizena Afonso em 20 de maio de 1936.
Uma filha: Maria Elizena.
Faleceu no dia 26 de novembro de 1972.



José Baptista Sobrinho ■

Desde os 15 anos, Baptista trabalhou como aprendiz de alfaiate com o Sr. Otávio Barreto. Em 1937, montou a sua própria oficina na Av. Antônio Carlos e, em 1943, fixou-se definitivamente na Rua Mariano de Ávila. A alfaiataria “Baptista - O Alfaiate da Moda”, no seu novo endereço, funcionou ainda por 35 anos e atendia a elite araxaense. Cerca de 20 funcionários trabalhavam em sua oficina. Os ternos, ali confeccionados, tinham corte e acabamentos perfeitos. Após esse longo período no ofício de alfaiate, Baptista montou, na Av. Vereador João Senna, uma mercearia que fecharia em 1982, pouco tempo antes de seu falecimento.

Baptista trabalhou, ajudou e soube como tirar da vida o que ela tinha a oferecer. Gostava de reunir-se com os amigos em bares e festas. Alegre e feliz, sempre de bem com a vida, tinha como lazer o seu “rancho” e as pescarias.

Com amor, formou a sua família dentro do carinho e da exigência, para que todos os filhos se tornassem, um dia, cidadãos dignos. Como filho, ajudou os pais na criação dos irmãos, encaminhando-os nos estudos e na profissão.

Presente na vida social araxaense, Baptista foi sócio-fundador do Rotary Club, do Clube Araxá e do Girassol Clube de Campo.

Nasceu em Araxá, no dia 7 de janeiro de 1907.

**Filho de Clarimundo Baptista da Costa
e Dímpina de Paiva Teixeira.**

**Casou-se Zaíra Tocafundo Baptista
em 22 de dezembro de 1928.**

**Oito filhos: Dora, Diva, Djalma, Dêmea, Dorival, Darcy,
Dulce Helena e Denisia.**

Faleceu no dia 26 de novembro de 1984.



João Batista Ribeiro ■

João Batista nasceu em Sacramento e contava apenas dois anos e meio de idade quando sua mãe faleceu. Criado pelos avós João Antônio Ribeiro (João Franqueiro) e Decemilha Patrocínio Ribeiro que lhe deram uma infância feliz.

Criança ainda, veio para Araxá. No Grupo Escolar Delfim Moreira fez o curso primário e no Colégio Dom Bosco o ginásial. Ambos os cursos correspondem, hoje, ao Ensino Fundamental. Em Uberaba, no Colégio Triângulo Mineiro, iniciou o Ensino Médio, àquela época curso científico, concluindo-o em Belo Horizonte no Colégio Afonso Celso.

Ainda em Belo Horizonte, iniciou sua vida profissional na Telemig onde se aposentou. Responsável, João Batista deixou na empresa a memória de um funcionário sério e competente.

Depois dessa jornada, regressa a Araxá e aqui

se estabelece mantendo um largo círculo de amizades. A leitura é um de seus “hobbies” prediletos. Gosta de viajar e de se manter informado dentro do noticiário nacional.

Desapegado dos bens materiais, doou ao Museu Histórico de Araxá — Dona Beja grande número de objetos que identificam a vida rural em Araxá em tempos passados. Esses objetos ficaram, por algum tempo, guardados na reserva técnica do museu e, hoje, fazem parte do Memorial de Araxá.

**Nasceu em Sacramento no dia 25 de fevereiro de 1932.
Filho de Joaquim Batista Pereira e
Maria Patrocínia Pereira.
Não se casou e não teve filhos.
Araxá, 29 de agosto de 2008.**



José Detoni

Nascido em Poços de Caldas, aos 16 anos passou a residir no Barreiro, Araxá. No Hotel Colombo trabalhou durante algum tempo. Espírito empreendedor, observava o que acontecia no mundo dos negócios e estudava a melhor maneira de implantar, com sucesso, uma empresa em Araxá.

Acreditou na potencialidade do comércio local e iniciou sua vida empresarial trabalhando com frete. Com resultados excelentes, montou, algum tempo depois, a Transportadora Detoni.

Nos idos de 1950, construiu trinta e três casas residenciais destinadas ao aluguel. A municipalidade, em reconhecimento ao seu trabalho, prestou-lhe uma homenagem dando o seu nome à rua onde se localizam essas casas. Em sociedade com os filhos, montou uma Máquina de Beneficiar Arroz em Goiatuba/GO.

Homem de visão, horizontes largos, atuou em várias áreas da comunidade araxaense. Participou ativamente da vida política, filiado ao antigo PSD

(Partido Social Democrático). Um dos fundadores e primeiro presidente do “Araxá Esporte Clube”, o glorioso GANSO, o clube de futebol que sempre foi paixão na vida da maioria dos araxaenses.

A importância que dava ao trabalho e à caridade foram marcantes em sua vida. Dele os filhos guardam a memória de um pai carinhoso e atento no saber educar e a de um cidadão preocupado em ajudar os necessitados.

Católico praticante, era devoto de Nossa Senhora d'Abadia a quem reverenciava a cada ano, participando da festa em seu louvor na cidade de Romaria.

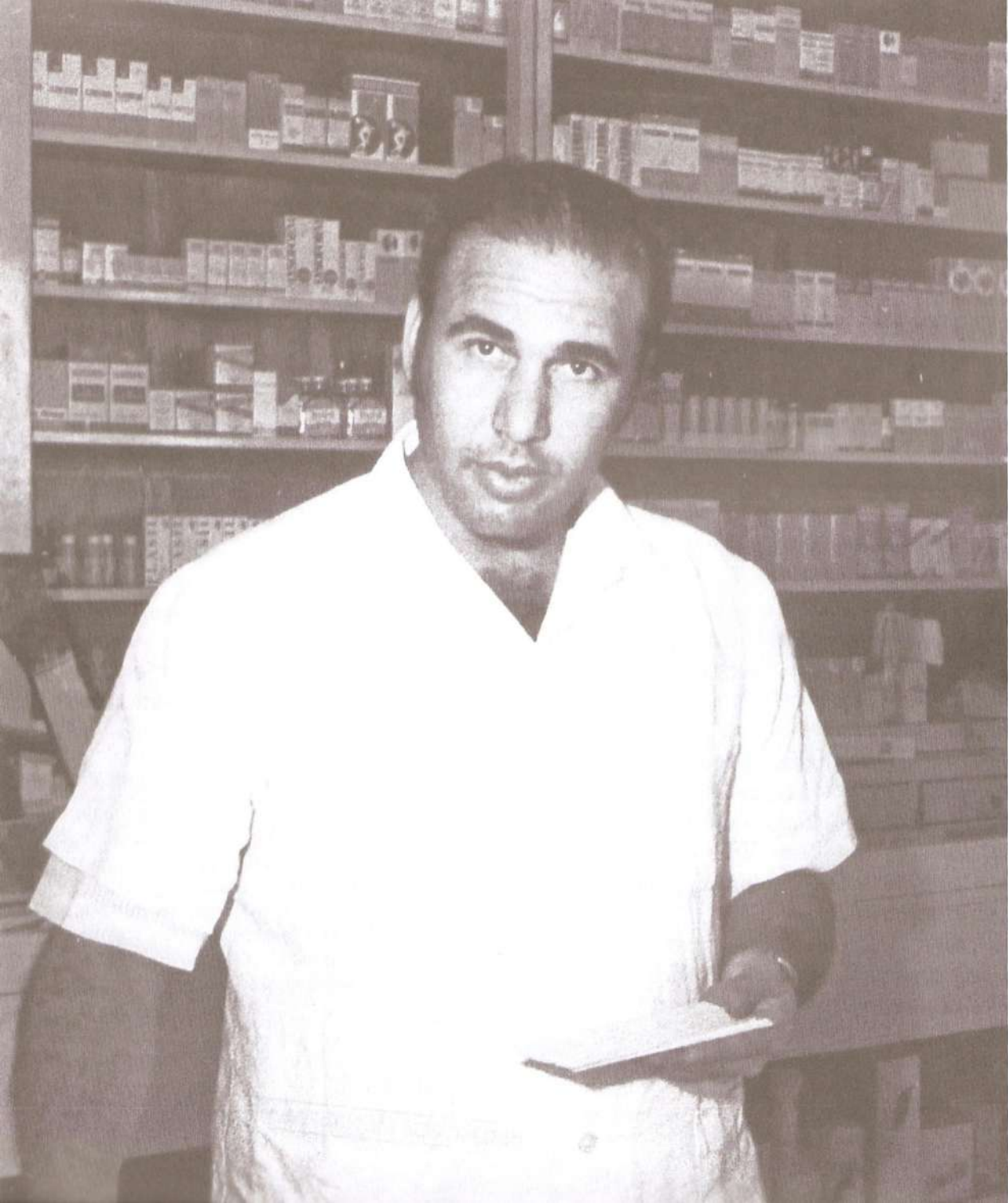
**Nasceu em Poços de Caldas
no dia 20 de novembro de 1918.**

Filho de Luiz Detoni e Izabela Augusta Detoni.

**Casou-se com Geralda Borges Detoni
em 3 de janeiro de 1940.**

**Seis filhos: Clésede, Cleonice, José Detoni Filho,
Cleidalva, Sergio Maurício e Luisa.**

Faleceu no dia 31 de maio de 1993.



José Maria Lemos ■

Figura ímpar, Zé Maria pautou sua vida pela dedicação ao trabalho e à família e pela arte de bem servir, emprestando o seu saber aos que dele necessitavam. Aos 10 anos de idade, já trabalhava como balconista na Farmácia Cruzeiro e, nesse período, recebeu total apoio da Família Dumont, pela qual Zé Maria tem todo o reconhecimento e gratidão.

Anos depois, adquiriu a Farmácia Cruzeiro. Mais tarde transferiu-se para a rua Belo Horizonte onde construiu um novo estabelecimento — Drogaria Santa Mônica. E por esse tempo mantinha-se atualizado quanto aos métodos farmacêuticos e aos novos produtos que surgiam no mercado.

Zé Maria é um marco na saúde em Araxá. Sempre atendeu a todos, pobres e ricos, a qualquer hora em que fosse solicitado. Seriedade

profissional reconhecida por aqueles que tiveram a oportunidade de com ele conviver. Suas indicações transmitiam segurança.

Vereador no período 2001/2004, foi atuante e incansável na busca do bem comum. Hoje, gerencia a Farmácia Municipal de Araxá.

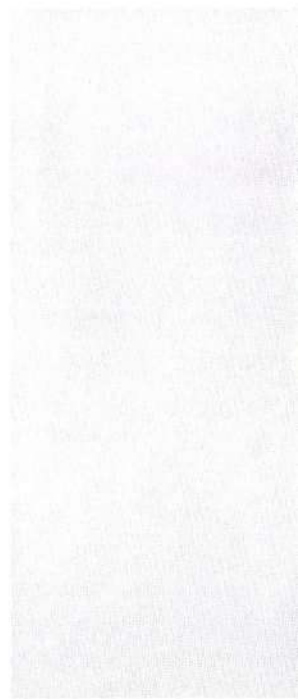
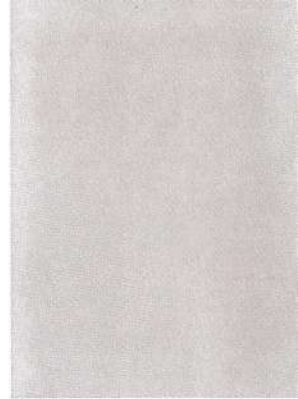
Zé Maria, homem de valor, conquistou, ao longo da vida, inúmeros amigos e se considera uma pessoa realizada. Cumpriu o seu dever para com a família e para com a sociedade.

Nasceu em Araxá no dia 4 de maio de 1939.

Filho de Otávio Lemos Martins e Francisca Dutra Lemos.

Casou-se com Elma Borges Lemos
em 16 de setembro de 1958.

Seis filhos: José Otávio, Mariângela, José Maria Jr.,
Marielen, Marielma e Sérgio Henrique.
Araxá, 29 de agosto de 2008.



José Ribeiro de Almeida (José Horácio) ■

Nascido no município de Perdizes, José Horácio e seus irmãos mais velhos, viveram uma infância feliz, ao lado dos pais. Para as primeiras letras tiveram a orientação de um preceptor.

Sua vida, construída com luta e trabalho, permitiu-lhe, com o apoio da esposa, Catarina, constituir uma família digna, unida e feliz. Simples e discreto, gostava de ler, de se manter informado e das revistas especializadas em horticultura, fruticultura e floricultura.

Possuiu uma fazenda na região do “Pão de Açúcar”, onde seu sogro, Terêncio Pereira era proprietário. José criava o gado bovino, mas a sua dedicação maior foi à lavoura. Tudo colhia e comercializava. Adubar o solo, tratar a semente e vê-la crescer transformando-se em árvore, preservar as espécies com risco de extinção, garimpar sementes de árvores nobres e fazer enxertos de flores foram habilidades que José Horácio possuía como ninguém. Nessa área, a busca do “saber mais” era inesgotável.

José conseguiu que uma única roseira produzisse doze variedades de rosas que se abriam na mesma estação. Plantadas no jardim de sua casa, os que por ali passavam, paravam extasiados.

Gostava ainda de presentear amigos com os frutos e as flores que ele mesmo colhia, além das mudas das plantas, especialmente preparadas por ele. Sabia como embelezar a vida, que se tornava mais doce e suave com suas flores e seus frutos. José com muito carinho plantou também amor. Amou a natureza, a família e os amigos.

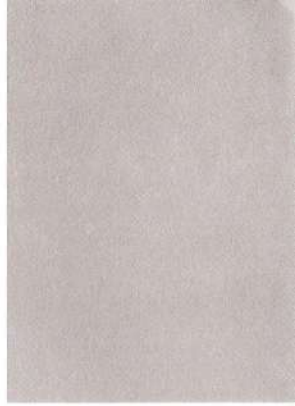
Nasceu em Perdizes/MG no dia 20 de agosto de 1910.

**Filho de Horácio Afonso de Almeida
e Honorina Alzira de Rezende.**

**Casou-se com Catarina Pereira Vale
em 29 de junho de 1940.**

**Seis filhos: Roberto, Lúcia, Inês,
Beatriz, Angélica e Adriana.**

Faleceu no dia 16 de julho de 2004.



José Tibúrcio Ribeiro ■

Quando falamos de honra, dignidade e justiça, facilmente nos reportamos à pessoa de José Tibúrcio Ribeiro, que exerceu a cidadania como um homem de bem. Enfrentou dificuldades sem nunca se curvar. Com otimismo criou os 10 filhos e viveu intensamente todos os momentos que a vida lhe proporcionou. Soube ser companheiro, amigo, irmão, pai e espo-

so. Família e trabalho foram prioridades em sua vida.

Dele, tem-se a memória de um ser humano de caráter generoso, simples e dotado de grande sabedoria. Preciosidades que tão bem soube transmitir aos filhos. Dentro da fé cristã, mostrou aos seus a força da justiça e a importância do saber doar-se em favor dos menos favorecidos.

Nasceu em Araxá no dia 11 de setembro de 1915.

Filho de José Alexandre Ribeiro e Maria Alves de Oliveira.

Casou-se com Elisa Antônia Ribeiro em 8 de outubro de 1942.

Dez filhos: José Rinaldo, Maria Auxiliadora, Ângela Maria, Lázaro Antônio, Pedro Raimundo, Alexandre Tadeu, Regina Maria, Paulo Roberto, Maria das Dores e Maria do Carmo.

Faleceu no dia 3 de agosto de 2004.



Leonilda Lemos de Mello ■

Filantropia, generosidade e liderança foram um marco na vida dessa mulher extraordinária que foi Dona Leonilda. Os primeiros estudos ela os fez no Colégio São Domingos. O Curso de Magistério, completou-os no Colégio Sacré-Coeur de Marie, em Belo Horizonte.

No Lactário Odete Valadares, Leonilda realizou um excelente trabalho junto às crianças menos favorecidas. Momentos difíceis foram enfrentados e o Lactário esteve por fechar as portas. Foi quando Leonilda assumiu a presidência, lá permanecendo por vários anos. Em sua gestão, o Lactário passa a constituir-se legalmente, uma entidade de Utilidade Pública. Para isso, contou com o apoio do então Deputado Estadual, Dr. Carlos Lemos.

Sob sua direção, um grupo de voluntárias confeccionava o enxoval para recém-nascidos e o leite

em pó era doado às mães mais necessitadas. Dela, partiu o projeto de controle de natalidade junto às famílias carentes. Elegante no ser e no viver, Dona Leonilda se destaca na sociedade araxaense, por sua presença forte e marcante.

O talento na culinária, ela o repassou às filhas, que hoje usam com perfeição essa habilidade. Exemplo de esposa e mãe dedicada.

Nasceu em Araxá no dia 7 de janeiro de 1925.

**Filha de Manoel de Ávila Lemos e
Aureliana Machado Lemos.**

Casou-se com Walter Primo de Mello em 1952.

**Cinco filhos: Jane Maria, Walter, Maria Luiza,
Cátia Maria e Simone.**

Faleceu no dia 14 de outubro de 2003.



Lourival de Paula (Parateca) ■

Nascido em Ibiá/MG, Parateca contava 12 anos de idade, quando veio para Araxá. Amava essa cidade e se considerava araxaense. Aqui se casou e aqui nasceram suas filhas.

O apelido “Parateca” veio de seu irmão mais velho, João de Paula Teixeira, que foi prefeito em Goiânia. Perde-se no tempo a razão desse apelido. Durante anos, Parateca manteve seu estúdio fotográfico na Av. Mariano de Ávila onde, constantemente, se via rodeado de seus objetos de trabalho e de amigos que por ali passavam.

Fotos de moças bonitas enfeitavam a vitrine de seu estúdio: Yedda Santos, Terezinha Corrêa, Yara Marília Cunha, Maria Natália Montandon Silva (Neta) e muitas outras.

Tempos de pouca tecnologia, Parateca foi exímio na arte da fotografia. Serviu à comunidade através de um trabalho sério e competente. Com

suas fotos, grande parte da história de Araxá foi preservada.

A convite de Dr. Paulo de Tarso, então prefeito de Brasília, Parateca transfere-se para a Capital Federal na década de 1960, como fotógrafo oficial no Palácio do Buriti. Gostava de pescar, caçar e dizem que era bom cozinheiro. Para os que o conheceram, fica a lembrança de um homem correto, de um colecionador de amigos e de um ser humano admirável.

Nasceu em Ibiá/MG no dia 2 de agosto de 1916.

**Filho de João de Paula Teixeira
e Maria Rodrigues de Paula.**

Casou-se com Luiza Teixeira de Paula em 1939.

Três filhas: Íris, Ilsa e Maria Antônia.

Faleceu no dia 23 de outubro de 1996.



Lúcia Soares Ferreira (Tia Lúcia) ■

Professora de Português, Lúcia lecionou no Colégio São Domingos por mais de 20 anos. Carinhosamente suas alunas a chamavam “Tia Lúcia”. Como Diretora da Escola Estadual Dom José Gaspar, prestou, ali, valiosos serviços nos anos 60.

Paralelamente manteve, no Jornal Correio de Araxá, uma coluna semanal muito lida e apreciada. Publicou um livro de crônicas “Dentro do Vazio” que obteve grande sucesso e a consagrou escritora.

Por 15 anos Lúcia trabalhou na coordenação do MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) em Belo Horizonte. Nesse período, marcou presença nos eventos e comemorações, escrevendo crônicas e poemas.

A “Escolinha Tia Lúcia”, o primeiro núcleo da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), foi idealizada por Glícia Santos com o apoio do então prefeito Paulo Márcio Ferreira. Home-

nagem justa e acertada. Lúcia não conheceu o pai biológico. Teve em Latfalla um “pai” que a amou e de quem ela se recorda com gratidão. Latfalla ensinou-lhe os caminhos da vida, garantiu-lhe a educação, além de proporcionar-lhe lições de música. Preocupava-se em repassar-lhe os jornais, para que se mantivesse informada.

Não teve um casamento feliz. Momentos difíceis e que hoje são páginas viradas. Em seu coração não existem mágoas. Lúcia gosta do viver, de receber o carinho dos filhos e dos amigos. Notável figura humana, inteligente, capaz, idealista.

Nasceu em Araxá no dia 30 de junho de 1919.

Filha de Luíza Soares.

Casou-se com Hélio Ferreira em 1937.

Seis filhos: Elizeu, Ronan, Dirceu (Toninho),

Paulo Márcio, Júlio Romero e Leila.

Araxá, 29 de agosto de 2008.



Maria Abadia Machado ■ (Dona Didi)

Dona Didi. Era como todos nós a conhecíamos. Uma personalidade ímpar. Maria Abadia. O nome de batismo. Batalhadora, a trajetória de vida de Dona Didi nos apresenta uma mulher ativa e determinada, em cuja história se alternam momentos de lutas e momentos felizes.

Elegante em sua postura e correta no fazer, dedicou-se à causa da Justiça. Servidora por mais de quatro décadas. Nomeada Oficial de Registro do Cartório de Títulos e Documentos pelo então

Governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek de Oliveira, em 1955.

Junto ao marido foi uma grande incentivadora na educação dos sete filhos, dando-lhes a oportunidade de uma formação universitária.

Criativa e hábil nos trabalhos manuais, ajudou no orçamento doméstico, costurando ou confeccionando enfeites para festas de aniversário. Alegre no viver, foi perseverante em suas ações e, ao seu empenho, devem-se o amor e a união entre seus familiares.

**Nasceu em Araxá (Barreiro) no dia 27 de outubro de de 1912.
Filha de José Eugênio de Oliveira e Clodomira Maria de Oliveira.
Casou-se com Joaquim de Paula Machado em 26 de dezembro de 1935.
Sete filhos: Marcello de Gusmão, Fernando Eugênio, Paulo de Tarso,
Maria Lúcia, Lucila, José Alberto e Júlio César.
Faleceu no dia 6 de novembro de 1996.**



Maria de Lourdes Corrêa de Azevedo ■ (Dona Pepita)

Por sua vivacidade e beleza, Maria de Lourdes, quando criança, recebeu de um funcionário de seu pai o apelido de Pepita, que a comparava a uma pepita de ouro. Sua brilhante trajetória profissional agregou-lhe, depois, o título de madame. E assim passou para a história: Madame Pepita.

No Rio de Janeiro frequentou o Colégio Francês (de freiras) e, em Araxá, concluiu o Curso de Formação de Professores no Colégio São Domingos.

A amizade com D. Hermantina Drummond, conceituada modista, possibilitou que suas habilidades na arte da costura eclodissem em direção ao sucesso. Trabalhos em bordados, criatividade e originalidade de detalhes foram marcas de seu trabalho. No início, vestia crianças e adolescentes. Mais tarde, junto a um selecionado grupo de modistas do Brasil, frequentou em São Paulo um curso de Alta Costura Francesa com estilista vindo especialmente da França.

Mantinha estabelecimentos comerciais na cidade e no Barreiro e um ateliê com equipe de costureiras para atender dentro e fora de Minas

Gerais. Desfiles de moda, com criações próprias em diversas cidades do Brasil, divulgavam seu talento e a beleza de sua arte. Atendia empresários, políticos, turistas e hóspedes do Grande Hotel do Barreiro (entre os quais a família do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira) além da sociedade araxaense, claro.

A morte prematura de seu filho Júlio Dário, aos 23 anos, motivou Pepita a deixar sua vida profissional e a dedicar seu tempo ao movimento filantrópico, criando, com a ajuda de políticos, de empresários e da comunidade araxaense a “Casa do Menor Júlio Dário”, inaugurada em dezembro de 1976, objetivando o preparo de adolescentes para o mercado de trabalho.

Nasceu em Araxá no dia 22 de junho de 1918.

**Filha de Luiz Chalhéo Corrêa
e de Noêmia dos Santos.**

Casou-se com Genaro Porfírio de Azevedo.

**Seis filhos: Aloysio, Júlio Dário, Noêmia da Paz,
Maria da Glória, Tadeu e Paulo de Tarso.**

Faleceu em 9 de setembro de 2002.



Maria Dora Drummond de Paula Lemos

Dora Lemos, como todos nós a chamávamos, perdeu o marido quando contava apenas 43 anos de idade. Dinâmica, decidida e forte, assumiu os negócios da fazenda e o fez com a inteligência e o dinamismo que lhe eram peculiares.

Voltando no tempo, encontraremos uma linda jovem, recém-formada no curso de Formação de Professores, no Colégio Santa Maria em Belo Horizonte. Nessa época, conheceu o também recém-formado em Direito, Dr. Pedro de Paula Lemos. Conheceram-se, casaram-se e um dia a morte precoce de Dr. Pedro os separou.

Dora não se deixou abater. Um longo trabalho a esperava. Não deixaria morrer o que Dr. Pedro construía. Prosseguiu os trabalhos na pecuária, aprimorando a raça bovina Indubrasil. Exportou gado para os EEUU, Costa Rica, Tailândia, México, além de outros países onde participou de exposições e onde também fez inúmeros amigos.

Em Araxá foi presença forte nos principais acontecimentos sociais. Fundadora do Girasol Clube de Campo e sua primeira presidente (1980/1984). Dora recebeu diversas homenagens, dentre as quais a Comenda “Leonilda Montan-

don”. Na coluna de Ronaldo Paiva, “Momentos”, do jornal Correio de Araxá, foi escolhida a “Elegante Momentos do Ano - 1992” Gostava de conviver com pessoas de faixas etárias diferentes, para com elas aprender e entender a vida.

Suas paixões:

- A leitura. Chegou a montar uma biblioteca particular composta por obras de vários autores.
- Viajar. Conhecer países diferentes e absorver a cultura dos diferentes povos.
- Antigüidades. Os objetos antigos fizeram de sua residência um local de referência para os apreciadores da arte.

Amava a vida e a viveu com força, determinação, luta e coragem.

Nasceu em Araxá no dia 25 de setembro de 1924.
Filha de Salomão Drummond e Hermantina Drummond.
Casou-se com Dr. Pedro de Paula Lemos
em 14 de janeiro de 1942.
Quatro filhos: Dora Lúcia, Marly, Marina e Cássio.
Faleceu no dia 11 de outubro de 2005.



Maria Josephina Salomão Feres (Fifina)

Fifina. Assim nós a chamávamos. Uma mulher inteligente, culta, discreta. Nasceu para o magistério. Concluiu em Araxá o Curso de Formação de Professores e, em Belo Horizonte, fez o aperfeiçoamento. Regressando a Araxá esteve à frente do movimento que lutou para a criação de mais uma escola primária e que resultou na “Escola Estadual Dr. Eduardo Montandon”, sendo Maria Josefina sua primeira diretora. A inauguração aconteceu em 15/02/1947 e as primeiras aulas tiveram início no tapiz da Praça Governador Valadares, onde alunos e professores se reuniam. Luta e coragem marcaram esse tempo de dificuldades. Mais tarde o “Eduardo Montandon” passou a funcionar em uma casa alugada, durante o período de 10 anos, na Av. Getúlio Vargas.

Certa ocasião, uma violenta tempestade destruiu grande parte do teto da escola, colocando em risco a vida das crianças, Fifina sentiu a necessidade de conseguir um espaço próprio e seguro. Com garra e firmeza partiu em busca dos meios para a construção da nova escola. O terreno foi doado pela Prefeitura Municipal na administração José Adolpho de Aguiar, o apoio financeiro veio do Governo Estadual e a complementação da verba conseguiu junto ao irmão, Dr. Mário Cecílio Salomão, então vereador na Câmara Municipal. Finalmente, a escola se ergueu. No mesmo local onde ainda hoje se encontra, na Av. Vereador João Senna. Fifina lecionou em outras escolas em Araxá, entre as quais o Colégio São Domingos, como professora de Português. Terminou o Curso Superior de Pedagogia

na “FAFI”, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araxá, hoje “UNIARAXÁ”. E durante muitos anos ocupou, nessa mesma faculdade, a cadeira de Mestra em Filosofia.

Além de falar o idioma árabe com fluência, Fifina foi de extraordinário apoio, quando da publicação da revista “O Trem da História” n.º 37 que, num de seus temas, versa sobre a imigração dos sírios e libaneses no Brasil (Araxá) no final do séc. XIX e início do XX. Estava sempre disponível e pronta para prestar o seu depoimento. Exerceu a sua cidadania e esteve presente a tudo o que se relacionava a Araxá.

Gostava de ler, de tocar piano e trazia sempre uma história interessante para contar. Faltava um mês para completar 90 anos quando faleceu. Cabeça lúcida, pessoa informada, conversava sobre qualquer assunto. Personalidade forte, tinha opinião formada e embasada sobre todos os assuntos.

Deixou, ao morrer, suas cinco grandes paixões, os sobrinhos: Mário Jr., Terezinha, José Roberto, Danilo e Christiane. Nunca deixou de mencionar o irmão, Dr. Mário, que a precedeu no plano espiritual e a quem ela amava de maneira especial e a ele se referia com grande carinho.

Nasceu em Araxá no dia 8 de agosto de 1915.

**Filha de Cecílio (Cecin) Salomão
e Saada Iussef Kijuk (Felicía)**

Casou-se com Fuad Feres em 1948.

Não teve filhos.

Faleceu no dia 7 de julho de 2005.



Mozart Gonçalves Caixeta

Ainda jovem, Mozart Caixeta ajudava nas lidas rurais e, dos 15 aos 18 anos, foi admitido como atendente na loja “Ao Primeiro Barateiro” de propriedade do sr. Elias Leime. Resultou disso uma grande amizade entre as duas famílias. Elias e sua esposa, Júlia Galdino, foram seus padrinhos de casamento.

Viera da fazenda para cumprir a sua obrigação militar, fazendo o Tiro de Guerra, e estudar. Morou na residência do casal José Veríssimo Montandon Pinheiro e Júlia Santos Pinheiro (Sinha-zinha). Ela, quitandeira, a quem ele ajudava nas entregas em domicílio.

Após esse tempo de trabalho, retornou à fazenda, porque ali estava a sua verdadeira vocação. Gostava do campo, gostava de se entrosar com a natureza e, sobretudo, gostava de trabalhar. Não era homem de ficar parado. Levantava-se com o nascer do sol e terminava os afazeres do dia quando o sol se punha. Montado a cavalo percorria toda a propriedade a ver se estava tudo em ordem.

Criava o gado de leite e o gado para corte. Tinha casa na cidade mas a maior parte do tempo ele dedicou à fazenda, para onde se dirigia às segundas-feiras e regressava nas quartas. Novamente fazia o mesmo caminho nas quintas e voltava nos sábados. Nos domingos permanecia na cidade e se encontrava com os amigos para uma

“cervejinha” no Clube Araxá. Durante muitos anos foi esse o seu proceder, até o nascimento de seu último filho, Mozart Filho.

O gado lhe trazia o sustento da família, mas gostava de cavalos, gatos e cães. Durante o almoço, na modesta cozinha, deixava-se rodear pelos gatos com quem dividia sua refeição. Tinha um cachorro de nome “Apache”. Certa ocasião, tendo se internado por motivo de saúde, o cão desapareceu. Quando teve alta, reapareceu. Mais tarde, quando de sua morte, o cachorro “Apache” sumiu e nunca mais foi encontrado.

Mozart Caixeta tinha uma personalidade doce e afável. Carinhoso com a esposa e com os filhos. Discreto, certa vez, ao ouvir um relato, comentou: “Há cinco anos eu já conheço essa história”. Acompanhou a evolução dos tempos e, aos 78 anos, compreendia o linguajar, as idéias e posições dos filhos.

Costumava dizer: “o que de melhor tenho em casa são as fotos dos meus netos e bisnetos”.

Nasceu no dia 15 de julho de 1920.

Filho de João Gonçalves Pinheiro -“João Caixeta” e Anna Luiza de Rezende.

Casou-se com Yolanda Alves Caixeta em 10 de maio de 1944.

Cinco filhos: Paulo Humberto, Haroldo Elizeu, Ana Antônia, Maria Helena e Mozart Filho.

Faleceu no dia 22 de agosto de 1998.



Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

Faint, illegible text, possibly bleed-through from the reverse side of the page.

Olavo Drummond (Dr.)

Formou-se em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1950. Fiel aos muitos amigos, sua lealdade a Juscelino Kubitschek comoveu até mesmo os desafetos do presidente e não esmoreceu com o desaparecimento deste. Olavo foi quem angariou fundos para o Memorial JK, do qual foi vice-presidente até o fim de sua vida. Dele, disse Juscelino: “Após toda a minha vida e a minha larga experiência na política, vejo que tive apenas cinco amigos verdadeiros. Um deles foi Olavo Drummond”.

Como prefeito de Araxá, dentre as várias realizações, implementou o Concurso Público para a contratação de Servidores, abriu o Pronto-Socorro 24 horas, conquistou, por dois anos, o prêmio Prefeito-Criança da Fundação Abrinq e fez o mundo inteiro cantar Araxá no Carnaval de 1999. Como cidadão, presenteou a comunidade com o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, um projeto de Ruy Ohtake.

Aos que lhe vieram, deixou uma trajetória de vida, que é o orgulho de uma família, de toda uma cidade e de todos os que o conheceram. Constan de seu currículo: Redator da Rádio Inconfidência, Jornalista Estado de Minas e Diário da Tarde, Secretário da Presidência do TER, Deputado Estadual

por Minas Gerais, Secretário da Presidência do Banco do Brasil-RJ, Delegado do Brasil nos Estados Unidos, Procurador da Fazenda Nacional, Procurador da República junto ao Supremo Tribunal Federal, Diretor da Vasp, Conselheiro do Tribunal de Contas de São Paulo, Ministro do Tribunal de Contas da União, Chanceler da Universidade São Marcos, Membro da Academia Mineira de Letras e da Academia Araxaense de Letras.

Escreveu cinco livros: Noite do Tempo, Ensaio Geral, Ordens do Cardeal, O Amor Deu Uma Festa, e O Vendedor de Estrelas. Condecorado com as mais importantes comendas nacionais, faleceu em 8 de maio de 2006, em São Paulo/SP.

No dizer de seu filho Pedro: “Olavo não termina aqui. Seu exemplo segue forte e sua biografia irá inspirar gerações futuras de araxaenses e brasileiros. Filho desta terra e pai de seu povo, Olavo Drummond continua”.

Nasceu em Araxá no dia 31 de agosto de 1925.

Filho de Salomão Drummond e

Hermantina Castro Alves Drummond.

Casou-se com Márcia de Almeida Drummond

em 22 de setembro de 1951.

Quatro filhos: Ana Elizabeth, Patrícia, Olavo Filho e Pedro.

Faleceu no dia 8 de maio de 2006, em São Paulo/SP.



Olyntha de Castro Barreto

Exerceu o magistério por mais de 30 anos e o fez com amor e doação. Por suas mãos passaram milhares de alunos durante os anos em que lecionou.

As primeiras aulas aconteceram na “Escola Municipal Padre Leão”, no antigo Lavapés, hoje, Bairro São Geraldo. Nomeada pelo então prefeito, Dr. Álvaro Cardoso, lá permaneceu durante o período de 1 ano e 9 meses. Daí passou ao “Grupo Escolar Delfim Moreira” trabalhando, inicialmente, como professora substituta. Lembra-se de não ter direito a férias remuneradas após substituir, ao longo de um semestre, a titular da cadeira.

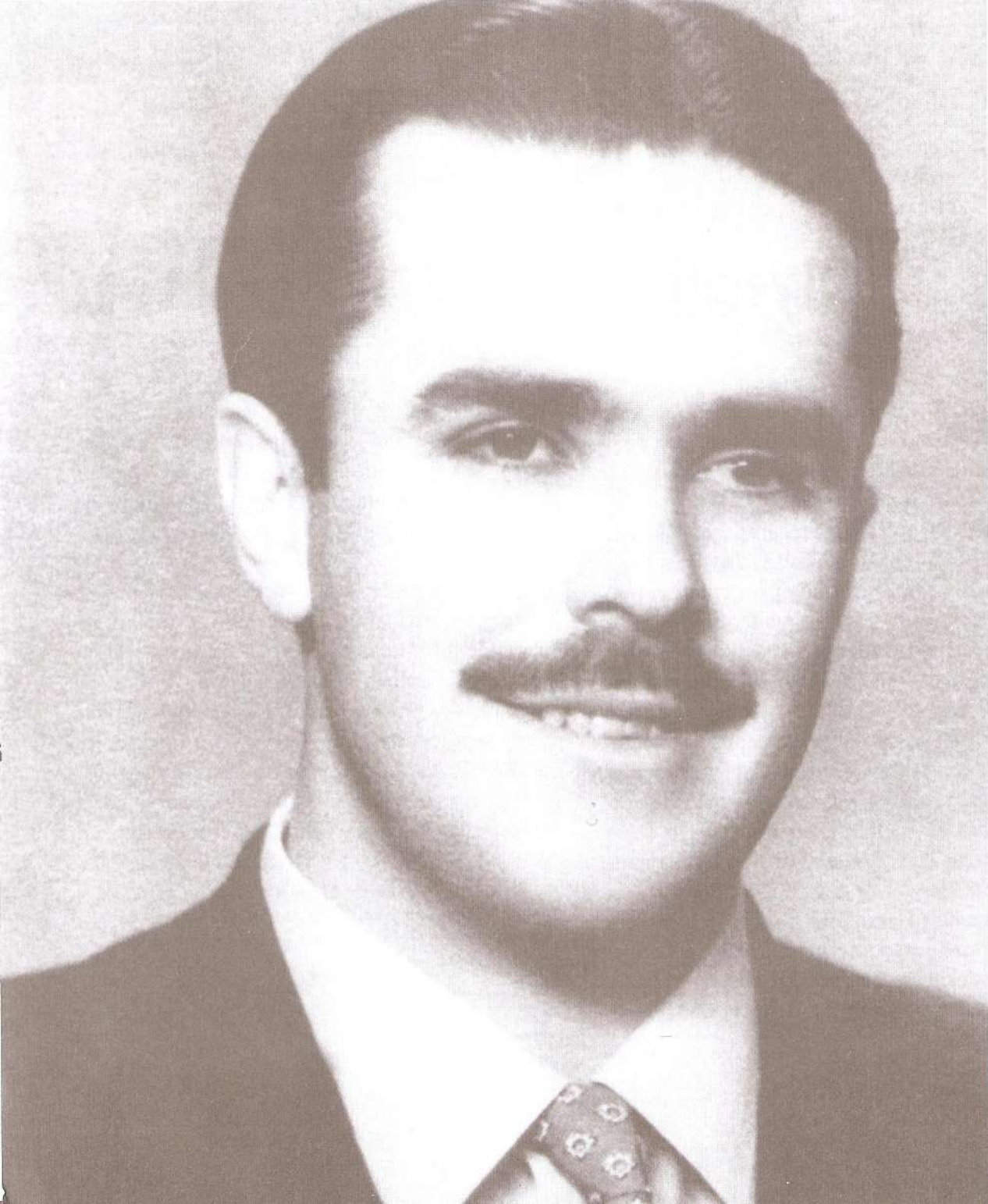
Lecionava no período da manhã e, à tarde, ministrava o curso de admissão no Colégio Dom Bosco. Por essa época, o atual Ensino Fundamental se subdividia em dois períodos: primário (4 anos) e ginásio (4 anos). O ingresso ao ginásio dependia desse curso intermediário, o de Admissão, que poderia ser feito em 2 meses ou 1 ano.

Professora de Português e História no Colégio

Estadual (rua Pres. Olegário Maciel) e no Colégio São Domingos, destacou-se por seus conhecimentos e pela arte da comunicação com os alunos. Houve momentos em que trabalhava de manhã, à tarde e à noite. O magistério sempre foi o seu ideal.

Aposentada, estendeu o seu amor aos menos favorecidos, auxiliando na Paróquia de São Sebastião, onde foi Ministra da Eucaristia e no Presídio Municipal. Também comercializava “blusas de preguinhas”, confeccionadas por ela para ajudar jovens sem recursos que desejavam prosseguir os estudos. Encaminhava para exames de vista pessoas carentes. Hoje, aos 93 anos, diz amar a vida e ser feliz por tudo o que Deus lhe permitiu realizar.

Nasceu em Araxá em 20 de março de 1915.
Filha de Antônio Olyntho de Paula e Maria Vieira de Paula
Casou-se com Otávio Barreto em 28 de janeiro de 1937.
Não teve filhos.
Araxá, 29 de agosto de 2008.



Pedro de Paula Lemos (Dr.) ■

Advogado e pecuarista, Dr. Pedro concluiu o primário em Araxá e o ginásio em Lavras, cursos que correspondem, hoje, ao Ensino Fundamental. No Rio de Janeiro, cursou o Ensino Médio e, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), formou-se em Direito em 29/03/1940.

Retorna a Araxá onde assume a presidência da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) no período de 1951 a 1957. Dividido entre a advocacia e a pecuária, decide-se pela segunda opção, uma das razões de seu viver. Construiu um plantel de gado Indubrasil que projetou sua marca - C2 - no Brasil e exterior.

Dr. Pedro tinha apenas 49 anos de idade, quando faleceu. O trabalho iniciado por ele prosseguiu com êxito nas mãos de sua esposa, Maria Dora.

Homem de visão foi presença forte na construção da vida araxaense em todos os seus segmentos. Sócio-fundador da Rádio Imbiara, do Clube Brasil, do Najá Futebol Clube, além de outras entidades.

Para os que o conheceram, fica a memória de um homem de caráter, trabalhador, dedicado à família e aos amigos. Para os filhos Dr. Pedro deixou um legado de dignidade e honra.

Histórico da Atividade Pecuária

A raça de gado Indubrasil resultou do cruzamento de três outras raças originárias da Índia: o Nelore, o Guzerá e o Gir. Manoel de Paula Lemos (Neca de Paula), avô de Dr. Pedro, interessou-se por essa raça que surgia.

Em Pratinha/MG, a família Lemos deu início à criação do gado Indubrasil com "Orgulhoso", o nome do primeiro garrote de cuja linhagem desenvolveriam a nova raça.

Em meados de 1925, dois dos filhos do Sr. Neca de Paula, Cassiano de Paula Lemos e Pedro de Paula Lemos, pai e tio de Dr. Pedro, se transferiram para Araxá onde deram continuidade ao trabalho de aprimoramento da raça Indubrasil, prosseguido depois pelos familiares, inclusive Dr. Pedro e seu irmão Cassianinho.

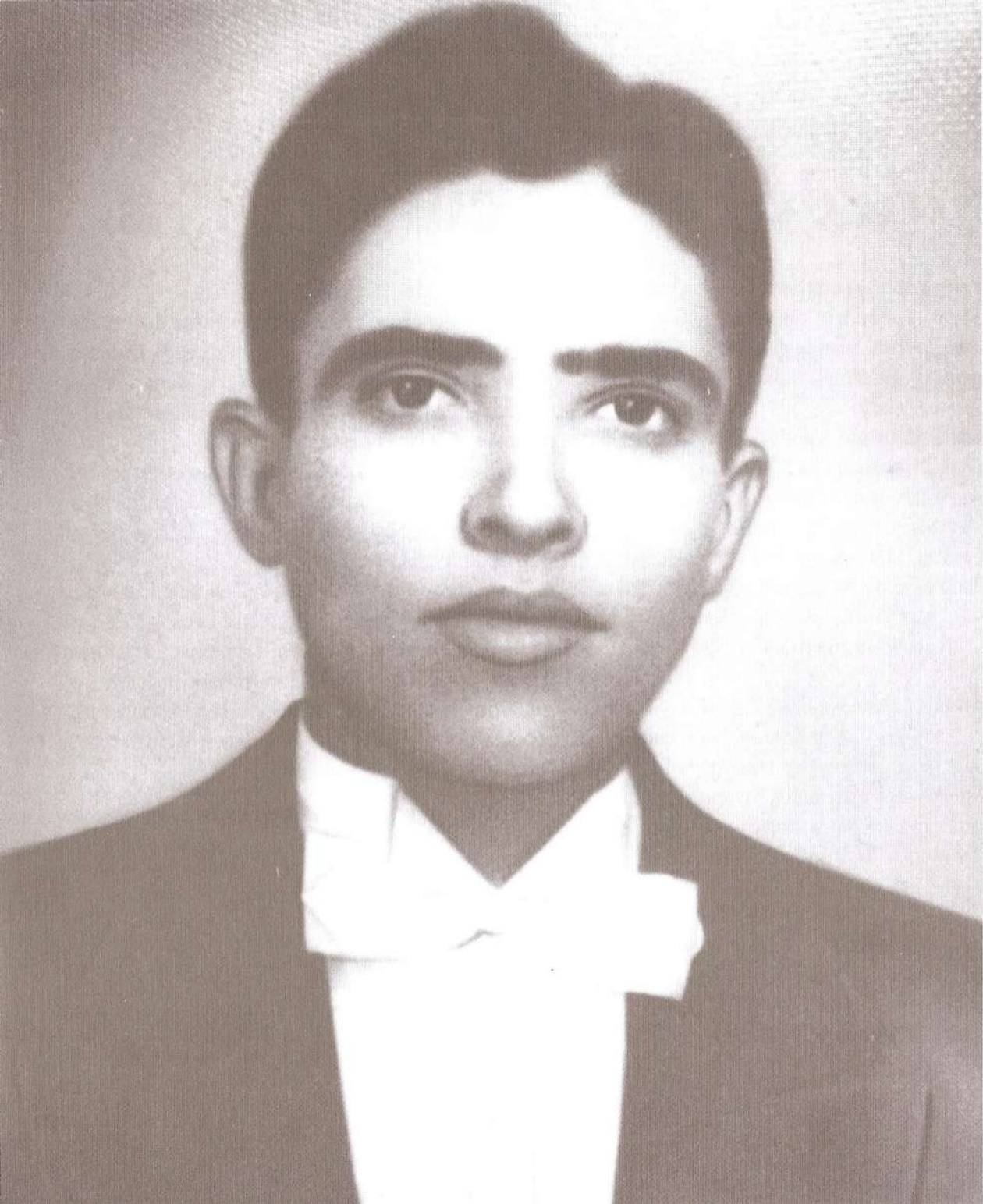
Nasceu em Araxá no dia 14 de agosto de 1916.

**Filho de Cassiano de Paula Lemos e
Josina de Ávila Lemos.**

**Casou-se com Maria Dora Drummond de
Paula Lemos em 14 de janeiro de 1942.**

Quatro filhos: Dora Lúcia, Marly, Marina e Cássio.

Faleceu no dia 28 de outubro de 1965.



Pedro Rios Borges (Dr.) ■

Inteligência fulgurante, Pedro Rios teve uma vida breve. Tinha trinta e quatro anos quando faleceu. Regressava de uma viagem que fizera aos EEUU e, algum tempo após a decolagem, sentiu-se mal, vítima de um enfarte a bordo. A aeronave pousou em Trinidad y Tobago, numa tentativa extrema de socorrer a vida desse ilustre araxaense. O esforço houvera sido em vão. Pedro veio a falecer logo após a aterrissagem.

Ocupava alto cargo na C.S.N. Companhia Siderúrgica Nacional-SC.

O Governo Brasileiro o enviara aos EEUU

numa viagem de estudos com a finalidade de adquirir maquinário para a C.S.N..

Engenheiro das Minas, distinguiu-se como um dos melhores alunos que, até então, passaram pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Pedro Rios buscou, sempre, os caminhos do saber. Cérebro privilegiado, estudioso, aluno brilhante, sua morte precoce foi, sem dúvida, uma perda irreparável. Para os familiares ficou a saudade e também a dor dessa grande ausência. Para os que o conheceram, a certeza de que não apenas Araxá, mas o Brasil, perdia um homem extraordinário, dono de uma invulgar inteligência.

Nasceu em Araxá no dia 26 de setembro de 1925.

Filho de João Rios e Maria Abadia Borges Rios.

Casou-se com Izabel Tameirão Rios em 1º de setembro de 1953.

Três filhos: Bárbara, Patrícia e Pedro Ernesto.

Faleceu no dia 13 de janeiro de 1959.



Salviana Aparecida Borges

Exemplo de “Dona de Casa”, Aparecida Borges fazia todos os trabalhos domésticos e os fazia com perfeição. Os doces e quitandas (bolos, pães de queijo, broas, etc) que fazia eram muito apreciados. Não havia amigo ou vizinho que saísse de sua casa sem um “agrado”.

Solidária e caridosa, Salviana a todos auxiliava e distribuía o seu afeto. O jardim, tinha-o repleto de plantas e flores, cultivadas por ela. Exímia artesã, executava com perfeição os trabalhos com linhas e agulhas.

Após a sua limitação física, devido a problemas na coluna, suas habilidades e sua sensibilidade para com os amigos não foram afetadas. E mesmo com a visão apenas parcial do olho esquerdo, a partir do ano de 2001, não abandonou a arte do crochê, tricô, bordados e consertos de roupa.

O Rotary Clube de Araxá prestou-lhe uma homenagem pelo Dia das Mães. A Fundação Cultural Calmon Barreto homenageou-a pelas “Bodas de Ouro”.

Dela, disse sua filha Rita Augusta:

“Um vilão perverso – O CIGARRO – de cuja companhia ela nunca conseguiu se livrar.

Tirou-lhe a vida, através de uma enfermidade pulmonar fatal. Aparecida, mulher inteligente e determinada. Porém não acreditou nos efeitos malignos do fumo.

Por isso, se foi tão cedo!

Deixou marcas cravadas por onde e por quem passou...

Ser feliz...

Fazer alguém feliz, muito feliz....

Sorrir...Rir...Até de si mesma.

Respeitar...Ajudar ...Orar...

Agradecer sempre.

Amar...Amar sem medidas...

Esta foi sua trajetória terrena,

Agora, eterniza-se no céu...”

**Nasceu na Fazenda Mourão Rachado,
em Araxá, no dia 11 de outubro de 1932.
Filha de Antônio Carneiro de Mendonça
e Rita Augusta de Paiva.
Casou-se com Alaerdes Borges
em 29 de setembro de 1953.
Cinco filhos: Rita Augusta,
Domingos Sávio, Alair, Edda e Alaerdes Filho.
Faleceu no dia 8 de junho de 2007.**



Sebastião Miguel de Faria ■

Nascido em São Gotardo/MG, veio para Araxá ainda jovem. Aqui se casou e aqui nasceram seus filhos. Homem do campo, aí viveu e daí tirou o sustento de seus 13 filhos. Agricultor, vivia do que plantava. Arroz, milho, feijão, mandioca, verduras, enfim, tudo o que se serve à mesa no cotidiano de uma família. Conhecia o tempo de plantar e o tempo de colher. Pecuarista, comercializava gado. Criava suínos e aves. Na esposa, Maria Cândida (Mariinha), encontrou a companheira que o ajudava nas lidas diárias da fazenda. Variados tipos de doces eram preparados por ela.

Como ninguém, Sebastião sabia curtir a carne suína, dando a cada parte um tratamento especial. Suas habilidades foram repassadas aos filhos que, hoje, exploram essa atividade. Os irmãos trabalham juntos, completando-se na arte do bem servir, reconhecidos ao pai, que lhes ensinou através do exemplo e do trabalho diário.

Antônio Alvim de Faria, filho de Sebastião e

proprietário do “Bar do Tonho”, foi o vencedor do projeto “Bom do Boteco” com o “Torresmo Molhado”, tradição de seu pai.

O “Bar do Djalma”, propriedade de seu outro filho, Djalma Santos de Faria, no bairro Santo Antônio, atende à numerosa freguesia, apreciadora da culinária e do ambiente agradável ali oferecidos. Nesses dois bares trabalham os outros filhos de Sebastião, herdeiros desse homem simples que, com amor e severidade, dentro dos princípios cristãos da Igreja Presbiteriana, soube criá-los, mostrando-lhes o valor da dignidade e do respeito.

**Nasceu em São Gotardo/MG
no dia 5 de novembro de 1911.**

Filho de José Miguel de Faria e Lucrecia Flora de Jesus.

Casou-se com Maria Cândida em 1º de maio de 1937.

**Treze filhos: Raul, Reni, Ronaldo, Raulino,
Aparecida, Paulo, Saul, Ângelo,**

Vera, Zelma, Antônio, Rosilda e Djalma.

Faleceu no dia 10 de abril de 1992.



Sylvia de Almeida Barsante

Com força e coragem Dona Sylvia dedicou sua vida à assistência aos simples e desvalidos. O exercício da caridade e do desprendimento nos reporta à verdade do Evangelho, quando Jesus diz: “Amar ao próximo como a si mesmo”.

Dentro dos princípios da Doutrina Espírita, Dona Sylvia desdobrou-se nas tarefas assistenciais e doutrinárias. Amiga de Chico Xavier, sobre ele escreveu duas obras: “Chico Xavier, Missionário do Amor” - Vol. 1 e 2 e “Presença de Chico Xavier em Araxá”. Organizou uma coletânea de mensagens psicografadas pelo médium e companheiro Abílio Coelho – “Amor e Esperança”. Por mais de 35 anos foi presidente do Centro Espírita “Caminheiros do Bem”.

Obras assistenciais e atividades

Casas da Sopa - onde são servidos a sopa e alimentos e aonde também se leva a palavra de Jesus. No Bairro São Geraldo, a Casa da Sopa “Johnny Nolli” criada em 18/08/1968. “Vovó Anna” - Bairro Santa Rita em 23/12/1978. “Vovô Antoninho” - Bairro São Domingos em 06/09/1981.

As Casas de Chá, com objetivos semelhantes aos das Casas da Sopa, oferecem o chá e o pão que as pessoas podem levar para as suas casas. “Tio Cássio” e “Vovô Holmísio” são duas dessas casas criadas em 1995.

Salão de Costuras - “Maria Dolores” e Assistência à Futura Mamã “Maria de Nazareth”. Oficina de Artes “Maria Augusta Alves Ferreira”. Festival Espírita de Natal com distribuição de alimentos, roupas e brinquedos. Círculo de Estudos “José Majardas Araújo”,

“Emmanuel”, Obras de Allan Kardec e Chico Xavier e estudo semanal do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Tarefas Doutrinárias

Participações: COMMETRIM (Confraternização de Mocidades e Madureza Espírita do Triângulo Mineiro), Comissão Feminina de Ação Social, Feiras do Livro Espírita, programa “Entre o Céu e a Terra” na Rádio Imbiara e trabalhos de evangelização e palestras em várias cidades. Diretora do Departamento de Difusão Doutrinária da Aliança Municipal Espírita, Dona Sylvia se fez presente onde pudesse servir.

Tarefas Executadas

Livraria Espírita “Chico Xavier”, Biblioteca Espírita “Abílio Coelho”, Reforma do Prédio da Casa Transitória “Jesus Cristo” e Construção da nova sede do “Caminheiros do Bem”.

Recebeu homenagens nos mais diversos patamares no Estado de Minas Gerais. Mãe e esposa exemplar, Dona Sylvia elegeu o trabalho em prol dos necessitados, uma meta de vida.

Nasceu em Delfinópolis/MG no dia 4 de fevereiro de 1922.

Filha de Gaudêncio Ignácio de Almeida e Anna Pinto de Almeida.

Casou-se com Dr. Christiano Barsante Santos em 20 de dezembro de 1939.

Sete filhos: Christiano Fausto, Lucília Cirene, Sônia Maria, Sylvia Regina, Ângela Mara, Cássio Emmanuel e Germano Marcelo.

Araxá, 29 de agosto de 2008.



Tibúrcio Afonso Teixeira (Dr.)

Dotado de extraordinária riqueza interior, homem de letras, culto e inteligente, Dr. Tibúrcio foi, acima de tudo, um pai amoroso e uma pessoa sempre pronta a servir os menos favorecidos. Descende de tradicional família de ruralistas residentes em Ibiá/MG.

Seus anos de infância foram vividos na fazenda junto aos pais e irmãos. Época feliz e descontraída. No “Liceu Coração de Jesus” — São Paulo, Tibúrcio completou os primeiros estudos. Vivacidade e inteligência não faltavam àquele garoto que, mal saído da “roça”, com apenas um ano de escolaridade em Araxá, fora admitido no 3º ano do Curso Primário em São Paulo. Ali terminou o Ensino Médio.

Em Belo Horizonte, ingressou na Faculdade de Medicina de Minas Gerais (UFMG). Posteriormente, transferiu-se para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro/RJ, onde se diplomou.

Regressando a Araxá, trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e nas Termas do Grande Hotel do Barreiro. Dr. Tibúrcio, ao lado de Dr. Ferreira, fundou um dos primeiros laboratórios de Análises Clínicas da cidade. Dedicado à profissão, gostava do que fazia. Com a morte prematura do pai, recebera valiosa herança em terras. Terras que precisavam de alguém que as administrasse. Foram momentos de incertezas e a opção se fazia urgente. De um lado a medicina, a profissão escolhida. De outro, as terras que não poderiam

ficar ao abandono. Decidiu-se pelo campo, onde passou a residir com a família.

Com carinho e competência usou os conhecimentos da medicina, atendendo gratuitamente os funcionários da fazenda e os das terras circunvizinhas. Era o início de um novo tempo. Com o apoio de sua jovem esposa, ambos inexperientes, juntos enfrentaram inúmeras dificuldades. Força, coragem e trabalho, as peças fundamentais na construção do sítio, na divisão das pastagens, na construção de estradas, na formação do rebanho e da equipe de trabalho. Por 25 anos construíram suas vidas ao lado dos filhos e dos amigos que lá chegavam para desfrutar momentos de lazer ou para uma boa caçada. Depois veio o regresso para a cidade. A “Fazenda das Amoras” doada aos filhos e um recomeço mais leve e suave na “Fazenda Mata”, próxima à Bacia do Barreiro.

Prioridades: Deus, Família, Honradez, Medicina, Cultura, Rio de Janeiro, tango, Flamengo, Boemia e Getúlio Vargas.

Nasceu em Araxá no dia 12 de dezembro de 1911.

**Filho de Antônio Afonso Teixeira
e Ana Cândida de Ávila.**

**Casou-se com Maria Santos Teixeira
em 22 de setembro de 1937.**

**Cinco filhos: Ana Alice, Antônio Leonardo,
Marcílio Leonardo, Maria Leonor e Vítor Leonardo.**

Faleceu no dia 15 de fevereiro de 1982.



Wanda Carneiro Santos

Dinamismo, trabalho e coragem foram marcas na vida dessa mulher empreendedora que foi Wanda Carneiro Santos. Wanda começou os estudos em Araxá no grupo Escolar Delfim Moreira e os prosseguiu no Colégio São Domingos, onde iniciou o 2º grau, completando-o em Uberlândia no Colégio Nossa Senhora das Lágrimas.

Criativa e talentosa, bordava tecidos com perfeição e sabia como transformar um objeto desgastado em novo. Wanda guarda excelentes trabalhos de pintura em óleo sobre tela e conta que, ainda aluna, substituiu a professora quando de sua ausência. Estudou violão e acordeom e, com a habilidade manual que possuía, criava trabalhos originais admirados por todos.

O esposo, Domingos Santos, eleito prefeito em duas gestões por voto popular, teve ao seu lado uma esposa consciente de seu papel na comunidade. Como Primeira Dama promovia, a cada ano, o Natal dos funcionários da prefeitura e conseguiu adquirir uniformes para esses funcionários que eram pessoas simples e humildes. Promoveu inúmeras campanhas em favor das casas assistenciais e entidades carentes. Grande parceira na administração “Domingos Santos”, Wanda foi, sem dúvida, uma guerreira.

Atuante nas comemorações do 1º Centenário da cidade em 1965, preparadas e pensadas com um ano de antecedência, Wanda queria fazer do desfile comemorativo uma apoteose. E o conseguiu. Contou com o apoio de Agenor Lemos, o 1º presidente da Cooperativa Agropecuária de Araxá (CAPAL).

Araxá ainda não tinha um brasão. A pedido de Wanda, o Sr. Aníbal di Blasiis, artista de reconhecidos méritos, criou o Brasão de Araxá.

O Chalé Wanda Artesanato foi inaugurado no final dos anos sessenta. Ali eram comercializados trabalhos artesanais referentes a Araxá. Mais tarde o bazar se estendeu e passou a trabalhar com antigüidades. O Chalé funcionou até o final dos anos noventa. Constam de sua história os nomes de personalidades que por ali passaram.

Dedicada à família, Wanda ainda é pessoa atuante e presente nos acontecimentos sociais da comunidade.

Nasceu em Araxá no dia 6 de outubro de 1922.
Filha de José Afonso Carneiro e Tereza Valle Carneiro.
Casou-se com Domingos Santos em 17 de maio de 1944.
Araxá, 29 de agosto de 2008.

■ Depoimentos

Adalberto Maneira Júnior, Ana Antônia Caixeta Malveira, Ana Paula Machado Kikuchi, Beatriz Pereira de Almeida, Carlos Rosa, Cassiano Ricardo Lemos, Cleonice Detoni Paiva, Conceição Rosa de Mesquita (Titina), Diva Batista, Édson Adolfo da Silva, Fabiano Santos Cunha, Fernanda Alves Barcelos, Hugo Levy Filho, Iara Marília Cunha Cecílio, Ilsa Maria Teixeira de Paula, Íris de Lourdes Teixeira de Paula, José Maria Lemos, Lúcia Soares Ferreira, Lygia Cardoso Maneira, Maria Antônia Teixeira de Paula, Maria Auxiliadora Alves, Maria da Glória de Azevedo, Maria Helena Lemos, Maria José Porfíro Borges Rios, Maria Leonor Teixeira Lemos, Maria Luíza de Mello Aguiar, Maria Trindade Coutinho Resende Goulart, Marina Drummond de Paula Lemos Rios, Marinês Torres Gotelip Borja Oliveira, Neuza Maria Afonso de Almeida, Olyntha de Castro Barreto, Padre Henrique Ribeiro de Brito, Pedro Drummond, Rita Augusta Borges, Roberto Lemos, Ronaldo Alencar Porfírio Borges, Sylvia Regina Barsante Santos, Terezinha Auxiliadora de Oliveira Neri, Terezinha Côrtes, Terezinha de Oliveira Lemos, Terezinha Pereira Vale Perez, Viviane Cunha Paiva, Wanda Carneiro Santos e Wilma de Lourdes Cunha.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DE ARAXÁ

Origem: doação

Valor: _____

Data: 30-08-21

Agradecimentos

Ao nosso prefeito Antônio Leonardo Lemos Oliveira que tornou possível a realização de um sonho: a execução do projeto MEMORIAL DE ARAXÁ.
À equipe da Fundação Cultural Calmon Barreto sempre pronta a servir e a cuidar do patrimônio artístico e cultural de Araxá.

Aos familiares dos homenageados que nos forneceram os subsídios de que necessitávamos para a organização do espaço e do livro MEMORIAL DE ARAXÁ.

Ao proprietário do imóvel Dr. Vitor Hugo Porfírio Borges pelo apoio durante a execução do projeto.

Ao designer Frederico Santos Cunha por seu talento e criatividade.

Ao marceneiro Cândido Crescênio Cardoso da Silva por sua arte.

Obrigada a todos, de coração.

Magaly



Praça Cel. Adolpho. Década de 30.
AF/FCCB-00787.





BC54160

BC54160

Memorial de Araxá